



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS
CAMPUS ERECHIM
GEOGRAFIA - LICENCIATURA

RODRIGO JOSÉ LUNEDO

**O TRABALHO DE CAMPO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO E
APRENDIZAGEM: DESENVOLVENDO A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA**

ERECHIM
2020

RODRIGO JOSÉ LUNEDO

**O TRABALHO DE CAMPO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO E
APRENDIZAGEM: DESENVOLVENDO A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Geografia pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim.

Orientadora: Prof.^a Dra Paula Lindo

ERECHIM

2020

RODRIGO JOSÉ LUNEDO

**O TRABALHO DE CAMPO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO E
APRENDIZAGEM: DESENVOLVENDO A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Geografia pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim.

Orientadora: Prof.^a Dra Paula Vanessa de Faria Lindo

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 19 de dezembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr. Éverton de Moraes Kozenieski (UFFS/Erechim)

Prof.º Dr. Reginaldo José de Souza (UFFS/Erechim)

Prof.^a Dra. Paula Vanessa de Faria Lindo (UFFS/Erechim)

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Lunedo, Rodrigo José

O TRABALHO DE CAMPO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM: DESENVOLVENDO A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA / Rodrigo José Lunedo. -- 2020.

60 f.

Orientadora: Doutorado Paula Vanessa de Faria Lindo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Geografia, Erechim, RS, 2020.

1. Geografia. 2. Educação Geográfica. 3. Trabalho de Campo. I. Lindo, Paula Vanessa de Faria, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus filhos
Davi e Alícia por representarem à futura
geração.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por gerar de minha Fé, força para almejar os princípios da vida!

Agradeço aos meus pais Darcilo e Ivanildes, por me dar oportunidade da vida e por me incentivarem em todos os momentos que eu precisei!

Agradeço ao meu irmão que sempre teve disponível quando precisei!

Agradeço a minha companheira, amiga, mulher que me oportunizou em compreender o sentido da vida através de nossos filhos e me eterniza como pessoa!

Agradeço a minha orientadora Dra. Paula Lindo, pela dedicação e paciência e nunca deixou de medir esforços nesse processo do desenvolvimento do TCC. Pois suas contribuições foram de muito aprendizado!

Agradeço a minha família no geral, por sempre dar incentivo para o bem de todos!

Agradeço aos amigos que criei nesse processo de graduação!

Agradeço a todos os professores da Universidade Federal da Fronteira Sul, que de uma forma ou outra contribuíram para minha formação de um sujeito melhor, especialmente os que tive oportunidade de conhecer no curso de Geografia!

Agradeço a toda equipe da instituição de ensino!

Agradeço a vinda desta instituição e pelos que lutaram para a vinda dela, para nossa região!

Enfim agradeço a todos que de uma forma ou outra contribuíram em minha vida acadêmica e fora dela também!

Obrigado a todos!

RESUMO

A Geografia busca através dos conceitos e elementos geográficos, explicar e compreender como o espaço é produzido-organizado. Compreender o espaço vivido através de ações no ensino de Geografia significa considerar essencial a leitura e o entendimento do modo como a sociedade se organiza no espaço geográfico. Escolhemos a Educação Geográfica como possibilidade de constituir-se no aspecto crítico de como fazer o ensino de Geografia para orientar os alunos da educação básica a construir conhecimento sobre as relações sociais a partir da análise espacial. Sendo assim, no presente trabalho de conclusão de curso demonstraremos o percurso realizado por meio da pesquisa bibliográfica e do desenvolvimento de trabalho de campo. As principais temáticas de estudo foram: Geografia, Ensino de Geografia, Educação Geográfica e Trabalho de Campo. O principal objetivo foi apresentar o trabalho de campo como estratégia significativa de apreensão da realidade para ensinar e aprender Geografia. Além disso, foi elaborado uma pesquisa bibliográfica em quatro revistas, com o objetivo de identificar, analisar e compreender, como geógrafos e geógrafas têm desenvolvido o trabalho de campo como estratégia de ensino nos últimos 10 anos (2010 – 2019). O resultado foi quatro tabelas, apontando a quantidade de artigos de cada revista e a quantidade de artigos com a temática de trabalho de campo. Identificamos 1.044 artigos publicados nas quatro revistas e destes apenas nove abordaram a temática trabalho de campo. Por fim, organizamos uma proposta de trabalho de campo, a partir da perspectiva da Educação Geográfica, com o objetivo de exemplificar e sugerir como trabalhar conteúdos de Geografia Urbana, com alunos do 8º ano do ensino fundamental.

Palavras-chave: Geografia. Educação Geográfica. Trabalho de Campo.

ABSTRAC

Geography seeks to explain and understand how space is produced and organized through geographical concepts and elements. Understanding the space lived through actions in the teaching of Geography means considering reading and understanding of how society is organized in the geographical space essential. We chose Geographic Education as the possibility of constituting the critical aspect of how to teach Geography to guide basic education students to build knowledge about social relations from spatial analysis. Therefore, in the present course conclusion work we will demonstrate the path taken through bibliographic research and the development of fieldwork. The main themes of study were: Geography, Geography Teaching, Geographic Education and Fieldwork. The main objective was to present fieldwork as a significant strategy for apprehending reality to teach and learn Geography. In addition, a bibliographic research was carried out in four magazines, with the aim of identifying, analyzing and understanding, how geographers and geographers have developed fieldwork as a teaching strategy in the last 10 years (2010 - 2019). The result was four tables, indicating the number of articles in each journal and the number of articles with the theme of fieldwork. We identified 1,044 articles published in the four magazines and of these, only nine addressed the fieldwork theme. Finally, we organized a proposal for fieldwork, from the perspective of Geographic Education, with the aim of exemplifying and suggesting how to work on Urban Geography content, with students from the 8th grade of elementary school.

Keywords: Geography. Geographic Education. Fieldwork.

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo 1 - O Trabalho de Campo como estratégia didática para efetivação da Educação Geográfica	3
1.1 – Educação Geográfica	7
1.2 - Trabalho de campo para desenvolver a Educação Geográfica	13
Capítulo 2 - O Trabalho de Campo em publicações de artigos científicos (2010 a 2019)	17
2.1 - Análise dos artigos nos últimos 10 anos	24
Capítulo 3 – Proposta de trabalho de Campo: pensar a cidade pela perspectiva da educação geográfica	32
3.1 - Proposta do trabalho de campo	35
Considerações Finais	56
Referências	58

Introdução

No processo da formação básica, nós sujeitos, nos deparamos com diferentes disciplinas a serem traçadas durante a formação. O referido trabalho de campo, foco de nosso TCC, resulta do processo de formação acadêmica, da disciplina de Geografia – Licenciatura. Nele centralizamos o processo de ensino aprendizagem, através do discurso da Educação Geográfica, utilizando o trabalho de campo como uma das principais ferramentas para estimular a Educação Geográfica. Essa peça chave que, nos remete descrever a importância do ensino Geográfico nas escolas, possibilitando o diálogo com as outras áreas do conhecimento.

A Geografia descrita neste trabalho tem como ponto principal a análise, descrição e interpretação dos fenômenos vivenciados pelos sujeitos ao longo de sua história, e não somente a busca de informações e dados enciclopédicos. Assim afirma Goulart (2014, p. 21) “Há, por parte dos professores de geografia, uma busca incessante ao explicar que a geografia não se refere a informação e dados e que esses, isolados, pouco representam para a compreensão do mundo em que vivemos”

O trabalho de campo permite um olhar sobre a totalidade dos elementos que compõem a paisagem, por isso o interesse pela temática trabalho de campo como maneira de efetuar a Educação Geográfica. Como afirma Costella (2014, p. 185):

Olhar um espaço com habilidades de interpretá-lo é poder enxergá-lo numa totalidade. Essa totalidade não é composta pela soma dos componentes de um espaço, a totalidade compreende a interação, a superposição, que, por sua vez, possibilita a representação de um espaço textualizado por meio de texturas com infinitas relações.

Partindo disso, o presente trabalho de conclusão de curso está dividido em três capítulos, no qual o principal objetivo foi apresentar o trabalho de campo como estratégia significativa de apreensão da realidade para ensinar e aprender Geografia. Os capítulos são: 1 - O Trabalho de Campo como estratégia didática para efetivação da Educação Geográfica; 2- O Trabalho de Campo em publicações de artigos científicos (2010 a 2019); e 3 - Proposta de trabalho de Campo: pensar a cidade pela perspectiva da Educação Geográfica.

No primeiro capítulo, apresentamos a importância do trabalho de campo para efetivar a Educação Geográfica. A partir de referências como: Tomita (1999), Callai (2001), Moraes (2007), Cavalcanti (2012), Callai; Moraes (2017) e Copatti; Paim; Pereira (2019) abordaremos o ensino de Geografia, a Educação Geográfica e o Trabalho

de Campo. Além disso, vai ser destacado como a Geografia vem trabalhando com essas temáticas e como os professores atribuem seu conhecimento no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas.

O trabalho de campo vai ser apresentado de forma em que os sujeitos modeladores e transformadores estão inseridos na sociedade e como o espaço esta produzido de forma desigual. Com isso, a escola tem como um de seus principais dever ensinar os alunos a pensar, fazendo com que através dos conteúdos mediados pelo professor em suas aulas, que os alunos agreguem o conhecimento mediado.

No capítulo seguinte optamos por investigar em revistas científicas, na área da Geografia em um período de 10 anos (2010 – 2019), como geógrafos e geógrafas têm se apropriado do trabalho de campo, como estratégia de ensino em Geografia. Para realizar a pesquisa, escolhemos quatro revistas da área da Geografia de *Qualis* B1 e B2, vinculadas ao Ensino de Geografia. Devido a grande quantidade de Revistas em Geografia com *Qualis* A e B e o pouco tempo para realizar a pesquisa, optamos pelas de *Qualis* B, por acreditar que haveria uma quantidade maior de artigos com a temática “trabalho de campo”.

Sendo que, buscamos identificar como o trabalho de campo é efetivado. Na área do ensino, como prática pedagógica? Na pesquisa como metodologia de investigação? Como? A partir de quais referências?

Investigamos em quatro revistas o termo “trabalho de campo”. Sendo assim, elaboramos quatro tabelas contendo o ano, volume, número, número de artigos e número de artigos com a temática trabalho de campo que estão integrados em cada revista, totalizando nove artigos nas quatro revistas.

Por fim, desenvolvemos uma análise sobre os nove artigos e elaboramos um quadro síntese para identificar título, referências que trabalhavam com a temática e apresentação de cada um dos artigos.

No capítulo 3, encerramos com uma proposta de trabalho de campo na cidade de Erechim (RS), visando apresentar a importância que ele tem no ensino de geografia e para a formação dos alunos. A proposta foi elaborada para alunos do 8º ano do ensino fundamental. Neste capítulo apresentaremos uma proposta para realização de um trabalho de campo, a partir da perspectiva da Educação Geográfica, com o objetivo de exemplificar e sugerir como trabalhar conteúdos de Geografia Urbana.

Capítulo 1 - O Trabalho de Campo como estratégia didática para efetivação da Educação Geográfica.

Neste capítulo, visamos apresentar a importância da Geografia e sua complexidade como ciência, destacando o trabalho de Campo como estratégia didática para efetivação da Educação Geográfica.

Apresentaremos como a temática “trabalho de campo” foi abordado em âmbito escolar e nas pesquisas geográficas. Para tanto, investigamos publicações de revistas científicas com o intuito, de entender como professores e professoras tem efetivado a Educação Geográfica, a partir da prática de campo. Demonstraremos como a prática de trabalho de campo é concebida como um dos principais instrumentos, ou ferramenta para trabalhar e construir o conhecimento do educando.

Abordaremos a importância do conhecimento geográfico, por meio do ensino de geografia, mais especificamente via o trabalho de campo. A partir de referências como: Moraes (2007), Callai (2001), Callai; Moraes (2017), Cavalcanti (2012), Copatti; Paim e Pereira (2019) e Tomita (1999), sistematizamos uma reflexão sobre as seguintes temáticas: Geografia, Educação Geográfica; ensino de geografia; e trabalho de campo.

Na atualidade, a Geografia como ciência, procura aprimorar e entender o espaço geográfico, por meio dos conceitos, temas e instrumentos utilizados pela ciência geográfica, sendo possível analisar, observar e interpretar as mudanças e transformações da Natureza e da Sociedade. A natureza como espaço de mudanças e transformações e a humanidade atuando como modeladora da natureza. Henrique (2003, p. 253) afirma que:

A natureza, juntamente com o homem e as relações sociais, é uma categoria fundamental em todos os períodos da história. Mas esta natureza que se coloca, não é aquela natureza natural, da natureza dos meios naturais primitivos, mas sim de uma natureza transformada pelo trabalho humano. Com a inserção da natureza na vida social, o que antes era natural passa a ser sinônimo de social.

O espaço geográfico representa uma totalidade sem fim de elementos, podendo ser eles, artificiais ou naturais. Partindo disso, a Geografia busca através do espaço geográfico representar essa totalidade analisando, observando, interpretando e descrevendo as mudanças que ocorrem nas territorialidades. A Geografia nos proporciona ainda, entender como o planeta em um todo está representado e como ocorreu e ocorrem as transformações das espacialidades, sendo elas naturais ou

modificadas pela humanidade. Pois, ela se propõe nos explicar desde a separação continental, condições climáticas, transformações dos relevos, questões geopolíticas, conflitos agrários, ocupação e uso do solo, problemas ambientais urbanos, gênero e sexualidades, entre outras temáticas, que nos possibilita pensar e questionar o modo como as sociedades estão organizadas e territorializadas.

Segundo Antonio Carlos Robert de Moraes (2007), alguns autores definiram ou definem a Geografia como estudo da superfície terrestre (uma definição, ainda, usual e um tanto quanto vaga); outros como estudo da paisagem (a análise estaria restrita aos aspectos visíveis); como estudo da diferenciação de áreas (esta perspectiva apresenta uma visão comparativa para análise geográfica); outro conjunto de autores, afirmam que a Geografia como estudo de diferentes lugares; ainda há outros que buscam definir a Geografia como estudo do espaço; o autor menciona um quinto grupo de pessoas que definem a Geografia como o estudo das relações entre o homem e o meio, ou, posto de outra forma, entre a sociedade e a natureza. Apesar de um tanto quanto reduzido o exemplo, nos vimos inseridos neste último grupo de geógrafos, embora, não seja possível deixar de lado a paisagem e a comparação entre os lugares.

De acordo com Moraes (2007), a especificidade está no fato de buscarmos explicar a relação da sociedade com a natureza, portanto:

Seria, por excelência, uma disciplina de contato entre as ciências naturais e as humanas, ou sociais. Dentro desta concepção aparecem, pelo menos, três visões distintas do objeto: alguns autores vão apreendê-lo como as influências da natureza sobre o desenvolvimento da humanidade. Estes tomam a ação do meio sobre os homens e as sociedades, como uma verdade inquestionável, e caberia à Geografia explicar as formas e os mecanismos pelos quais esta ação se manifesta. Desta forma, o homem é posto como um elemento passivo, cuja história é determinada pelas condições naturais, que o envolvem. O peso da explicação residiria totalmente no domínio da natureza. Tal perspectiva pode aparecer em formulações de um radicalismo gradual, porém o limite da ação humana sempre estaria no máximo na adaptação ao meio. Os fenômenos humanos seriam sempre efeitos de causas naturais; isto seria uma imposição da própria definição do objeto, identificado com aquelas influências. Outros autores, mantendo a idéia da Geografia, como o estudo da relação entre o homem e a natureza, vão definir-lhe o objeto como a ação do homem na transformação deste meio. Assim, invertem totalmente a concepção anterior, dando o peso da explicação aos fenômenos humanos. Caberia estudar como o homem se apropria dos recursos oferecidos pela natureza e os transforma, como resultado de sua ação. Há ainda aqueles autores que concebem o objeto como a relação entre si, com os dados humanos e os naturais possuindo o mesmo peso. Para estes, o estudo buscaria compreender o estabelecimento, a manutenção e a ruptura do equilíbrio entre o homem e a natureza. A concepção ecológica informaria diretamente esta visão. A discussão, entre estas três visões do objeto, expressa o mais intenso debate do pensamento geográfico. Entretanto, em qualquer delas encontra-se a idéia de que a Geografia trabalha unitariamente, com os fenômenos naturais e humanos. (MORAES, 2007, p. 35-36)

A Geografia, desde a sua sistematização, passou por diferentes pensamentos epistêmicos até a atualidade, sendo que foi na Geografia Crítica que os geógrafo(a)s, passam a analisar criticamente a partir das contradições dos objetos, o espaço geográfico. Assim, Castrogiovanni (2014, p. 87) descreve que,

O espaço geográfico é constituído por formas materiais visíveis, naturais e construídas pelas sociedades através das relações que se estabelecem. Estas relações caracterizam um lugar no tempo histórico e devem ser objetivos de estudos de Geografia. Produzido por sociedades desiguais, o espaço geográfico se configura em tonalidades desiguais, no entanto, assumem características próprias que por sua vez, inter-relacionam-se e formam uma unidade que é o todo social. O espaço é um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual daí porque a evolução social não se faz de forma idêntica em todos os lugares. A escola é um todo social repleta de campos de forças.

Na mesma perspectiva em que a sociedade esta “dividida” em diferentes espacialidades e com diferentes tipos de relações, é necessário preocupar-se também em como ela esta organizada, qual a faixa etária, quais os tipos de riscos, se estiver em locais que podem ocorrer algum desastre, quais as dificuldades perante a dinâmica do espaço vivido, quais são os problemas com a infraestrutura daquele espaço, enfim, o papel remetido aqui é que muitas vezes a descrição fica pelo simples fato de vivenciar em um lugar de baixa ou alta qualidade de vida, e não se remete as dificuldades enfrentadas naqueles espaços.

É relevante considerar a importância da escola, para o desenvolvimento dos alunos como sujeitos produtores de diferentes espacialidades e o ensino de Geografia como possibilidade para a compreensão das mudanças do espaço geográfico.

Assim a Geografia juntamente com o ensino de geografia se encarrega de discutir mais de perto com as realidades dos alunos, através do contato com esses espaços, realizando entrevistas a moradores, desenvolvendo trabalho de campo com os alunos, dimensionando atividades que atribuam aproximação e visão mais crítica com as realidades de cada aluno, oportunizando o diálogo entre todos no âmbito escolar.

A escola como espaço de encontro entre sujeitos se configura muito antes da colonização no Brasil. De acordo com Pinto (2013, p. 179), a organização e as principais funções da escola tomam formas parciais com o advento da modernidade, essa fase conta com setores populares, surgimento da sociedade urbano-industrial e a instalação do modo de produção capitalista na Europa e nos Estados Unidos, influenciados pela Revolução Francesa.

Durante sua história a escola teve e têm até os dias atuais suma importância para o desenvolvimento cultural, educacional e social dos sujeitos. Pois é através dela, que se inicia o processo de alfabetização e construção do conhecimento dos educandos. Segundo Pinto (2013), a escola pode ser considerada de forma subjetiva, com uma diversidade de ideias.

[...] Para um determinado grupo da sociedade, a Escola pode ser o “segundo lar” dos Sujeitos, onde elas aprendem a viver, reconhecer e conviver na sociedade. Para outro, a Escola é um lugar onde os Sujeitos são formados, o processo de desenvolvimento individual e coletivo é moldado com as vivências no âmbito escolar. Ela também pode ser considerada como um espaço de conscientização onde os sujeitos aprendem novas atitudes; uma mudança significativa para as relações sociais, ou não. (PINTO, 2013, p. 186 – 187)

Para tanto, a escola é um dos principais locais de acesso às informações para a vida cidadã. A educação escolar é um direito e dever de todos, tanto do aluno ao se deslocar e receber os saberes mediados pela escola, quanto do professor que necessita estar sempre atualizado nos conhecimentos científicos para saber mediar os conteúdos para os alunos, e também dos pais para motivarem seus filhos a buscar esse conhecimento. De acordo com a Constituição Federal de 1988, no Art. 6º está expresso que “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.” (Constituição da República Federativa Brasil, 2019, p. 23).

Além de ser um espaço para desenvolver a aprendizagem, a escola tem como papel principal, desenvolver seu Projeto Político Pedagógico, visando o conhecimento científico e como estão devidamente sendo trabalhados os conteúdos de cada disciplina. Para Callai (2001, p. 135)

A questão da definição de uma proposta curricular não é técnica, mas fundamentalmente política e pedagógica. É o que se quer hoje, e a sociedade exige da escola, é uma educação que desenvolva o raciocínio lógico, a criticidade, a instrumentalização para usar coerentemente o conhecimento, a capacidade de pensar e especialmente de poder construir o pensamento com autoria própria.

Para tanto, segundo a autora, o ideal é que a escola tivesse claro sua filosofia, sua proposta, o que quer formar, e a partir disso referir ao plano pedagógico geral, ou seja, cada disciplina ter definido o que vai trabalhar na escola. Definidos estes critérios

pode-se explicitar do que estudar, do que desenvolver em cada uma das séries os conteúdos de Geografia.

Alguns autores como Katuta e Souza (2001) descrevem que o principal papel da escola é ensinar a pensar, sendo preciso ter clareza que esse ensinar a pensar, se dá através dos conteúdos, mediados e trabalhados na escola, ou em outra instituição de ensino.

Esses conteúdos dos quais estamos falando nada mais são que conhecimentos sistematizados pelos homens, por meio da ciência, ou seja, os conteúdos são os conhecimentos científicos básicos para que os alunos possam entender, informar-se, apropriar-se de um conjunto de habilidades, noções, valores e formas de pensar para agir na realidade. Esses conteúdos e formas de pensar, na verdade, deveriam auxiliar o aluno a entender a realidade de forma menos caótica e sincrética, para nela agir. (KATUTA; SOUZA, 2001, p. 43)

Ainda para Katuta e Souza (2001) o papel da Geografia, no ensino obrigatório deve ser o de ensinar ao aluno o entendimento da lógica que influencia na distribuição territorial. Assim, é necessário que o aluno se aproprie de uma série de noções, habilidades, conceitos, valores, atitudes, conhecimentos e informações para que o entendimento e o pensamento sobre o território ocorram.

1.1 - Educação Geográfica

Com a perspectiva em desenvolver uma educação digna, de qualidade e formal, o ensino de geografia busca através de metodologias didáticas pedagógicas, dialogar e entender o indivíduo no meio que está inserido, através da educação geográfica, proporcionando ao aluno sua própria compreensão com o mundo que se relaciona. Através disso, um dos princípios da Educação Geográfica, embasado em produzir conhecimento a partir da realidade é a efetivação do trabalho de campo. Como dizem os autores Copatti, Paim; Pereira (2019, p. 124 - 125).

O processo de investigação possível em um trabalho de campo evidencia o estímulo à formação de pesquisadores, o que requer que, no decorrer de toda a atividade, seja ela de curta duração (algumas horas do dia ou o dia inteiro) ou ao longo de vários dias (com maior duração), possibilitar a interação com o meio e a realização de diferentes procedimentos de investigação, que podem contribuir para que o conhecimento construído seja significativo.

A educação geográfica pode ser considerada uma abertura para a educação cidadã, possibilitando que o ensino de geografia não fique somente na ideia de transmitir as informações, e sim tenha um embasamento mais bem definido na

espacialidade vivenciada pelo indivíduo. Além disso, para ter o entendimento da educação geográfica é necessário compreender o pensamento geográfico e a análise geográfica. Segundo Callai e Moraes (2017, p.84)

A análise geográfica é a forma metodológica de estudar o mundo da vida tendo como parâmetros e balizadores a ciência geográfica. Esta se assenta em considerar as informações que são produzidas pela ciência, e que interessam à humanidade, com o aparato teórico da geografia, isto é, com seus conceitos e categorias de análise. E isso pode levar ao desenvolvimento de um pensamento geográfico, ao mesmo tempo que este pode ser o condutor da análise geográfica.

Desta forma, a educação geográfica proporciona um dos caminhos para estudar geografia, possibilitando que o aluno consiga construir sua interpretação do mundo, através do conhecimento que vai adquirir na escola, com o estímulo em referenciais conceituais sistematizados, para além, de suas referências espaciais cotidianas. Neste sentido afirma Cavalcanti (2012, p. 36) que:

O trabalho de educação geográfica ajuda os alunos a desenvolver modos do pensamento geográfico, a internalizar métodos e procedimentos de captar a realidade tendo consciência de sua espacialidade. Esse modo de pensar geográfico é importante para realização de práticas sociais variadas, já que essas práticas são sempre práticas socioespaciais.

Segundo Callai e Moraes (2017), deve-se considerar as dimensões a seguir para se obter a educação geográfica: “o quê, para quem, para quê, como”. A educação geográfica se remete nesses quatro aspectos para considerar a dimensão pedagógica necessária para a educação escolar.

O QUE indica os conteúdos que são específicos da geografia, seja a ciência, seja a geografia escolar, eles são os balizadores no sentido do que cabem ser abordado e aprendido na escola.[...] A perspectiva de PARA QUEM é fundamental para que se possa fazer a interligação com a educação para a formação cidadã, afinal, interessa compreender quem são e o que pensam os interlocutores do processo de ensino e aprendizagem. [...] PARA QUE diz da motivação que se pretende ter ao ensinar geografia na escola, tendo em vista uma utopia, talvez, para além do cumprimento da lei que institui o ensino de geografia. [...] O COMO são as estratégias em que se pode apoiar a busca dos objetivos para alcançar a efetividade do ensino da geografia, com vistas aos outros três elementos citados. (CALLAI; MORAES, 2017, p. 85)

Neste sentido, a educação geográfica pode ser vista como uma possibilidade para a educação cidadã, sendo que o objetivo é abordar os conteúdos de geografia, para realizar a análise geográfica com o olhar para a formação para a cidadania. Tal objetivo

só poderá ser alcançado se o papel da Geografia, no ensino, for compreendido como o ensino das lógicas que influenciam na distribuição territorial dos fenômenos.

Cabe à escola, fazer com que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades para desenvolver o seu próprio conhecimento, para isso o educador necessita dominar os conteúdos específicos, e ser capaz de desenvolver habilidades, conceitos, valores, atitudes e conhecimentos, fundamentais para que o pensamento sobre o espaço vivido ocorra.

A cidade pode ser um dos principais espaços para dar sentido a vida e a identidade cultural de cada ser humano, pois é nela onde há a maior concentração de pessoas. É nela onde encontramos o sistema de saúde, o mercado, os bancos, as escolas, as praças, enfim, espaços estes que fazem da cidade uma engrenagem para a vida através de suas dinâmicas diárias.

Na Geografia a cidade além deste espaço de encontros sociais, pode ser remetida ao ensino de geografia, que apetece o estudo das formas, das dinâmicas, das relações, das desigualdades e diferenças sociais, da organização e do planejamento. A cidade também pode ser considerada o lazer, a mercadoria, a solidão, o encontro de casais. Com uma insana variedade de funcionalidades que a cidade pode emergir, é necessário entrelaçar a cidade e o ensino de geografia, utilizando da cidade como espaço para fazer geografia, ou melhor, para ensinar geografia.

Mas é através da escola que as crianças e os jovens, buscam o entendimento dos processos sociais. A educação geográfica é uma das possibilidades para o ensino de geografia, para isso é necessário compreender a realidade da escola, buscando o alcance da autonomia tanto do professor quanto dos alunos. Muitas vezes a realidade escolar, principalmente o ensino de geografia fica empobrecido em suas aulas, alguns educadores se limitam apenas nos conteúdos do livro didático, deixando as aulas sem o dever de instigação aos alunos. Segundo Callai; Moraes (2017), para o aluno aprender precisa saber o conteúdo, de forma com que consiga construir sua autonomia, produzindo seu próprio conhecimento, fazendo abstração que levam a construção dos conceitos.

Assim, a escola é um dos principais espaços para a cidadania, pois é através do conhecimento científico dela abstraídos que os alunos buscam seu próprio conhecimento e formação de pensamento para viver em sociedade e entender as dinâmicas e processos de mudanças que ocorrem nas cidades.

No ensino de geografia não é diferente, a cidade deve ser estudada através da escala de análise, onde o aluno deve obter o entendimento em que a cidade tem sua história que já passou, deixando os resquícios da materialização para o presente com um futuro ainda incerto, mas que vai acontecer. Assim, Callai e Moraes (2017, p. 90) definem que:

[...]estudar a cidade envolve considerar a escala de análise para ter a perspectiva do local e do global, do singular e do universal. Os conteúdos referentes à cidade e ao urbano são dimensões do conhecimento que, se abordados considerando a escalaridade, permitem interligar os conhecimentos da vida cotidiana com os conceitos científicos. Ao fazer as abstrações com bases que se sustentam para além de uma perspectiva de simples transmissão de informação os conceitos podem ser construídos. Inclusive nos anos iniciais em que a orientação é de estudar o lugar onde aluno vive, considerando a proximidade e a vivência cotidiana nesse local, a abordagem não se limita a pensar o cotidiano e o lugar na dimensão de distâncias apenas, mas de complexidade.

No ensino de geografia, o estudo da cidade está mais bem sintetizado em que o aluno não somente tenha opinião sobre os lugares e locais existentes na cidade, e sim consiga observar com um olhar mais crítico os acontecimentos que nela ocorrem. Como melhor define Sobrinho (2017, p.447):

Fazer da cidade uma via de compreensão da realidade é possibilitar o processo de significação no processo de ensinar/aprender Geografia, ou seja, das práticas espaciais cotidianas. Os alunos precisam compreender as várias dimensões, enfoques e arranjos espaciais da cidade, para que assim possam construir conhecimentos que serão aplicados no seu lugar vivido, como via de compreensão dessa realidade.

Assim, a cidade como forma de conhecimento para o ensino de geografia, demonstra que para ter uma compreensão mais detalhada da cidade é necessário que os alunos adquiram um embasamento em como a mesma esta organizada, quais são os sujeitos modeladores, quais as relações sociais que entornam sobre a mesma, quais os processos de materialização para dar o formato aos objetos nela produzidos, e principalmente através deste conhecimento se entender como sujeito participante dessa compreensão. Para Sobrinho (2017, p.450) apud Castellar (2009).

Estudar a cidade enquanto lugar de vivência exige conhecermos as histórias dos lugares, as condições em que se inserem, tanto do ponto de vista do quadro natural, quanto das condições sociais e políticas e das diferenciações culturais. Cada cidade apresenta marcas que lhe são características, mas cada cidade também responde a questões globais, externas a essa região, e que precisam ser consideradas tanto na perspectiva do global quanto na do local.

Para ensinar conteúdos de Geografia e compreender a espacialidade atual, deve-se ensinar também os modos de pensamento e ação. Para isso, os professores devem propiciar o desenvolvimento de certas capacidades e habilidades, como sistematiza Cavalcanti (2012, p. 34 - 35):

- uma atitude indagadora diante da realidade que se observa e se vive cotidianamente;
- uma capacidade de análise da realidade que, de fatos e fenômenos, em um contexto socioespacial;
- a consideração de que os objetos estudados têm diferentes escalas, ou seja, levar em conta suas inserções locais e globais;
- a consideração de que há uma multiplicidade de perspectivas e tipos de conhecimentos;
- uma compreensão de que conhecer é construir subjetivamente a realidade;
- uma percepção de que há cada vez mais temas polêmicos (que as coisas não são simples; que sempre há um lado e outro na construção de explicações sobre uma dada realidade);
- uma compreensão de que os fenômenos, os processos e a própria geografia são históricos;
- uma convicção de que aprender sobre o espaço é relevante, na medida em que é uma dimensão constitutiva da realidade.

No contexto do “estudo da cidade na educação geográfica para uma formação cidadã” descrita por Callai e Moraes (2017), elas apontam que a cidade se expressa na dimensão de espaço absoluto, mas que as edificações ali existentes são decorrentes através das relações sociais. As autoras colocam também que para estudar a cidade através da dimensão espacial, tendo como base a análise geográfica, além do espaço absoluto, deve-se obter a interpretação do espaço relativo e espaço relacional, melhor explícito no quadro 1, abaixo:

Quadro 1: Estudar a cidade considerando as dimensões do espaço tendo a base na escala de análise

Conceito	Espaço absoluto	Espaço relativo	Espaço relacional
Lugar	Estrutura física do espaço urbano, ruas, praças, edificações, empresas de comércio, indústria, locais e atividades de lazer. Bens e serviços, pontos de referência.	Circulação, rede de transporte, motivos da cidade ser neste lugar.	Meios de comunicação, tecnologias.
Natureza	Solo, clima, vegetação-arborização, hidrografia, água.	Curso dos rios, problemas e contaminação ambiental.	Políticas de uso do solo, de cuidados ambientais.
Sociedade	População, trabalho,	Atração de pessoas para	Direitos e deveres,

	regras de convivência, exercício de cidadania, condições de vida, circulação.	lazer, trabalho.	Diálogo, normas de comportamento, leis nacionais.
Paisagem	Fotografia do lugar	História dos elementos das fotografias.	Comparações entre passado, presente e previsão de futuro.

Fonte: Callai, Moraes, 2017, p. 96

O conceito de espaço agrega definições de diferentes esferas do conhecimento acadêmico. Talvez, por este motivo, David Harvey, o tenha classificado como um conceito bastante complexo, dada a sua margem para diferentes interpretações. Para o autor (2006), o espaço deve ser visto como uma chave de análise da sociedade capitalista, especialmente da sociedade urbana. Assim, o autor categoriza sua natureza a partir de uma divisão tripartite: absoluto, relativo e relacional.

O espaço não é nem absoluto, nem relativo, nem relacional em si mesmo, mas ele pode tornar-se um ou outro separadamente ou simultaneamente em função das circunstâncias. O problema da concepção correta do espaço é resolvido pela prática humana em relação a ele. Em outros termos, não há respostas filosóficas a questões filosóficas que concernem à natureza do espaço – as respostas se situam na prática humana. A questão “o que é o espaço?” é por consequência substituída pela questão “como é que diferentes práticas humanas criam e usam diferentes concepções de espaço?”. A relação de propriedade, por exemplo, cria espaços absolutos nos quais o controle monopolista pode operar. O movimento de pessoas, de bens, serviços e informação realiza-se no espaço relativo porque o dinheiro, tempo, energia, etc, são necessários para superar a fricção da distância. Parcelas de terra também incorporam benefícios porque contêm relações com outras parcelas... sob a forma do arrendamento, o espaço relacional se torna um aspecto importante da prática social humana (HARVEY, 1973 apud HARVEY, 2006. p. 14 – 15)

É necessário se ter clareza de que nas aulas de geografia temos um caminho metodológico assentado no entendimento do que significa análise geográfica. Segundo Callai e Moraes (2017, p. 93-94), “Fazer a análise geográfica é operar com os conceitos da ciência geográfica de modo a compreender a cidade como resultado de processos que decorrem das relações dos homens e destes com a natureza.” Dessa forma, cabe aos professores considerar sua metodologia de ensino significativo no ensino aprendizagem dos alunos. Buscando sempre, retratar o cotidiano dos alunos durante o planejamento das aulas, fazendo com que quando os alunos olhem para a cidade onde moram, seja mais do que apenas um lugar onde mora e convive em sociedade, mas sim se estabeleça como agente modelador, transformador da natureza. Assim, é necessário que o educador através do conhecimento científico proponha as informações, da forma que os alunos

tragam seu cotidiano, construam suas perguntas, problematize as questões mediadas pelo professor, gerem seu próprio conhecimento. Para isso, os autores Copatti, Paim e Pereira (2019, p. 127) afirmam que:

O professor de Geografia precisa se inserir continuamente como investigador, em contínuo movimento de leitura, análise e compreensão das dinâmicas que envolvem o espaço geográfico, seu objeto de estudo. Para tanto precisa considerar que: a) o trabalho de campo é uma ferramenta de aproximação entre teoria e realidade; b) essa metodologia constitui uma possibilidade de pensar de forma prática questões abstratas; c) o trabalho de campo é uma possibilidade de aprendizagens sob múltiplas experiências; d) constitui-se como ferramenta para inquietar e construir o perfil de pesquisador do futuro professor; e) o trabalho de campo pode unificar a Geografia, indo além da fragmentação física e humana; f) constitui-se como meio para a produção de conhecimentos, pois gera resultados empíricos que, quando relacionados as teorias abordadas em sala de aula, tornam possível a construção de análises e de conclusões a respeito desse processo.

Para o entendimento do estudo da cidade através da análise geográfica, as autoras Callai e Moraes (2017) descrevem seis elementos que devem ser considerados para desenvolver a análise geográfica, sendo eles: Observar; descrever; interpretar; analisar; compreender; e representar.

Resumindo, apontamos a importância da Geografia para o entendimento de como o espaço geográfico está organizado. Destacando mais uma vez que a Educação Geográfica é um caminho possível para ensinar-aprender como as relações sociais estão inseridas na sociedade, ou melhor, como a sociedade se relaciona e interage com o meio e com ela própria. A escola se coloca como espaço de diálogo, interação, e discussão dos conteúdos e o Ensino de Geografia para efetivar as aulas, dialogando sobre os conhecimentos geográficos. Em outras palavras, pretendemos demonstrar que o trabalho de campo é uma ação/prática e um instrumento didático forte para efetivar a observação; descrição; interpretação; análise; compreensão e representação do espaço geográfico.

1.2 - Trabalho de campo para desenvolver a Educação Geográfica

O ensino de geografia ao longo do tempo vem sofrendo algumas mudanças. Essas mudanças são perceptíveis devido à modernização dos meios tecnológicos e de informações. Segundo Tomita (1999), a Geografia já foi vista como uma disciplina apenas de descrição e informação, para os professores cabia decorar o conteúdo para assim ser passado aos alunos, quem estudava para isso devia saber os nomes de rio, de montanhas, cidades, entre outros.

O trabalho de campo é uma prática presente na Geografia mesmo antes de sua sistematização enquanto ciência. Desde os tempos mais remotos homens e mulheres se preocupavam em conhecer o espaço no qual habitavam. Posteriormente, os gregos realizaram estudos sobre sistemas agrícolas, técnicas de uso do solo, as dinâmicas dos rios, a distribuição das chuvas, a sucessão das estações do ano, a relação entre campo e cidade, tudo a partir da observação e comparação da realidade vivida. Foi na Europa com Humboldt, Ritter, Ratzel e La Blache que a Geografia ganha destaque frente à comunidade científica, sendo no século XIX, que adquire o *status* de ciência organizada e sistematizada nas universidades. Surge assim à gênese da Geografia moderna, e certamente o trabalho de campo foi essencial para tal sistematização. Segundo Azambuja (2012, p. 183). “Na Geografia Clássica o método de estudo incluía a observação, a descrição e a explicação dos elementos naturais e humanos que compunham a paisagem de cada lugar.”

No passar dos anos até os dias atuais a Geografia buscou cada vez mais um aprimoramento, tanto para a disciplina em si nas universidades, quanto para o ensino aprendizagem nas escolas. Buscou-se preocupar com a organização das sociedades no espaço, dando enfoque maior na relação sociedade x natureza.

Assim, a Geografia passou a ser pensada na compreensão da realidade, utilizando a criticidade para entender as dinâmicas socioespaciais. O ensino de geografia toma significado a partir do entusiasmo dos alunos com o conteúdo que está sendo mediado pelo professor. Para isso é necessário que o educador, tenha um bom embasamento teórico, partindo do conhecido para o desconhecido e saiba mediar às informações com clareza aos alunos. Segundo Tomita (1999, p. 13) “É importante reconhecer que a aprendizagem do aluno ocorre sob orientação do professor, trabalhando, operando, executando, analisando, comparando, explicando, opinando e debatendo sobre o assunto.”

É nesse sentido, juntamente com a observação das mudanças ocorridas diariamente nos espaços sociais e físicos, que o professor deve partir suas aulas, propor atividades instigantes aos alunos, sabendo trabalhar o tema, o tempo e os objetivos propostos.

Quando for desenvolvido um trabalho onde envolve os alunos com o meio que está inserido, ou melhor, uma atividade de trabalho de campo, o professor deve saber alguns conhecimentos prévios para realizar a atividade. De iniciativa é necessário a mediação dos conteúdos de forma clara em sala de aula, mas que os alunos questionem

oque vai ser trabalhado, construam seu conhecimento, nem que seja prévio de início, mas que quando a atividade de campo for desenvolvida consiga tirar suas dúvidas e estabelecer seu pensamento. Neste sentido, segundo Copatti, Paim e Pereira (2019, p. 124)

O movimento de inserção em campo, ao ir além das leituras realizadas em sala de aula, tende a contribuir para o aprimoramento do olhar para aquilo que se pode observar, perceber, sentir e identificar, para além do que uma visão superficial possa abarcar. Para tanto, demanda um planejamento que esteja adequado ao nível em que os acadêmicos se encontram, ao processo de aprendizagem, à temática abordada, às dinâmicas do espaço em estudo, dentre outras condições essenciais para a pesquisa e para a aprendizagem. Por isso a preocupação com a formação docente visando construir conhecimentos que amparem as práticas de campo e que possam torna-las propostas potentes e significativas para a aprendizagem de Geografia também na escola.

É fundamental também que para atividade ser realizada o educando construa um roteiro de campo, onde coloque as principais paradas do trajeto, o que vai ser retratado, quais ferramentas didáticas vão ser utilizadas durante o percurso, definir os horários de duração da atividade. Desta forma, Tomita (1999) relata que ao planejar um trabalho de campo o professor e os alunos devem seguir os seguintes pontos: (ver quadro 2).

Quadro 2: Questões orientadoras para planejar Trabalho de Campo

Ao professor cabe indagar	Aos alunos cabe preparar (junto com o professor)
<ul style="list-style-type: none"> - Onde ir? - Qual o conhecimento prévio da área? - Quais os objetivos propostos? - Como ir? - Quais os conteúdos geográficos? - Tem o domínio do conteúdo? - Tem domínio dessa técnica de trabalho? - Fez o planejamento prevendo os detalhes? - Os alunos estão suficientemente preparados para essa atividade? - Que atitudes (forma de pensar e agir) espera dos alunos? - Como avaliar, ao longo da atividade ao seu término, se houve aprendizagem? 	<ul style="list-style-type: none"> - O que é trabalho de campo? - Para que serve? - Para que realizar? - Onde ir? O porquê dessa escolha? - Como ir? - Quando realizar? - O que levar? Quais os equipamentos - Como se trajar? - Quais as comissões necessárias e quais as funções? - Quais as etapas do trabalho? - Quais os resultados esperados e obtidos? - Quais as propostas para futuros trabalhos?

Fonte: Tomita (1999, p. 14 – 15).

Elaborado: Rodrigo José Lunedo, 2020.

Há uma dificuldade grande nas escolas para conseguir efetuar uma atividade de campo pois, o sistema administrativo das escolas não está acostumados com esse tipo de prática, mas para a proposta ser realizada é essencial que o professor planeje, desenvolva e traga resultados significativos, não deixando a atividade ser pensada somente como se fosse um passeio como afirma Tomita (1999, p. 14):

Mesmo com essa falta de flexibilidade, de compreensão e colaboração, é necessário que se lute para sair da rotina desenvolvida em sala de aula. Ao querer melhorar o ensino da Geografia é importante procurar vencer esses obstáculos. É evidente que isso será vencido, a partir do momento em que o professor souber desempenhar o seu trabalho com seriedade e eficiência, apresentando os resultados positivos.

Ao fazer uma reflexão teórico-metodológica, sobre a importância do trabalho de campo para a busca do conhecimento geográfico na contemporaneidade, Serpa (2006) aponta quatro pressupostos baseado, na articulação entre conceitos, teorias e procedimentos metodológicos na Geografia, sendo eles:

[...] Uma reflexão sobre a importância do trabalho de campo nesta disciplina requer a compreensão de sua especificidade frente às outras disciplinas, sobre seus trunfos e seus handcaps frente às outras ciências naturais e sociais. [...] O trabalho de campo em Geografia requer a definição de espaços de conceituação adequados aos fenômenos que se deseja estudar. É necessário recortar adequadamente os espaços de conceituação para que sejam revelados e tornados visíveis os fenômenos que se deseja pesquisar e analisar na realidade. [...] O trabalho de campo deve se basear na totalidade do espaço, sem esquecer os arranjos específicos que tornam cada lugar, cidade, bairro ou região uma articulação particular de fatores físicos e humanos em um mundo fragmentado, porém (cada vez mais) articulado. [...] Não pode haver separação entre teoria e metodologia, entre os conceitos e sua operacionalização através do trabalho de campo: eis o quarto pressuposto da discussão aqui proposta. Essa separação existe e persiste, no entanto, na produção do conhecimento científico, não se constituindo numa especificidade da Geografia. (SERPA, 2006, p. 9 -10.)

Acreditamos que o trabalho de campo seja fundamental para o exercício da Educação Geográfica. Apesar das diversas barreiras de ordem burocrática, administrativa, econômica, nós professores de Geografia, precisamos lutar por esta prática para promover a construção dos conhecimentos geográficos para que os estudantes entendam efetivamente a interação sociedade e natureza. Para que possamos estabelecer conexões entre diferentes temas do conhecimento geográfico, e demonstrar para nossos alunos a importância dos objetos técnicos para a compreensão das formas como os seres humanos fazem uso dos recursos da natureza. O trabalho de campo viabiliza o desenvolvimento de autonomia e senso crítico para compreensão do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.

Por isso, durante a atividade é importante que o professor, instigue, debata, argumente, motive, desperte nos alunos o querer saber. A partir de práticas e

procedimentos de investigação como: coleta de informações, observações, entrevista com os grupos sociais inseridos nos locais visitados, fotografias, etc. Possibilitamos os estudantes compreender o mundo natural, social, econômico, político e o meio técnico-científico e informacional, avaliar ações e propor perguntas e soluções para questões que querem conhecimento científico.

Capítulo 2 - O Trabalho de Campo em publicações de artigos científicos (2010 a 2019)

A Geografia se firma como uma disciplina científica que busca compreender as relações da sociedade com a natureza. Ela permite a busca de conhecimentos que favorecem o desenvolvimento de autonomias dos indivíduos, bem como possibilita que estes intervenham no mundo em que vivem. O ensino de Geografia se preocupa em, apresentar, identificar, comparar e conhecer o mundo, os espaços, as paisagens, os territórios, as regiões e os lugares com mais detalhes, complexidade e espírito crítico.

Daí a necessidade de professores e professoras desenvolverem práticas pedagógicas que auxiliem no desenvolvimento de atitudes, procedimentos e elaborações conceituais que potencializam a construção dos saberes geográficos dos estudantes. Sendo assim, neste estudo buscamos focar no trabalho de campo como prática de estudo, promissora, capaz de estimular a curiosidade, reflexão e protagonismos, pois trata-se de uma atividade que colabora com o aperfeiçoamento da observação, da vivência de experiências direcionadas para fins específicos de aprendizagem, registros e problematizações da realidade mais próxima ou distante.

Como primeiro passo da nossa investigação, buscamos a definição do Trabalho de Campo em referência como: Copatti, Paim, Pereira (2019); Serpa (2006); Tomitta (1999), que melhor definem a temática, como já apresentado no Capítulo 1. Neste capítulo, optamos por investigar em revistas científicas, da área da Geografia, como geógrafos e geógrafas têm se apropriado do Trabalho de Campo. Nossa intenção era identificar para além da quantidade, o como o trabalho de campo é efetivado. Na área do ensino, como prática pedagógica? Na pesquisa como metodologia de investigação? Como? A partir de quais referências?

Para realizar a pesquisa e responder nossos questionamentos, escolhemos quatro revistas da área da Geografia de *Qualis* B1 e B2, vinculadas ao Ensino de Geografia. Trata-se dos Boletins e Revistas descritos a seguir:

1) Boletim Gaúcho de Geografia (O Boletim Gaúcho de Geografia é a publicação de caráter científico da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre). Tem como objetivo, difundir o saber geográfico a partir da publicação de textos, escritos em português ou espanhol, que envolvam olhares críticos e formadores de conhecimento relacionados ao espaço geográfico, ao mundo, à realidade. Os trabalhos publicados devem ser consistentes e originais e devem contribuir para o debate acadêmico e político no nosso país.

2) Geografia Ensino & Pesquisa (A revista Geografia Ensino & Pesquisa é um periódico mantido pelo Departamento de Geociências e pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências - PPGGEO da Universidade Federal de Santa Maria). Tem como objetivo, publicar artigos originais na área de Geografia, a revista aceita contribuições originais dentro de quatro grandes linhas temáticas: Geoinformação e Sensoriamento Remoto; Meio Ambiente, Paisagem e Qualidade Ambiental; Produção do espaço e Dinâmica Regional e Geografia e Educação.

3) Revista Brasileira de Educação em Geografia (A Revista Brasileira de Educação em Geografia é uma publicação científica independente, com periodicidade semestral e publicada somente em formato eletrônico. Ela foi criada com a missão de tornar-se um espaço privilegiado de divulgação de artigos inéditos, práticas educativas, entrevistas, dossiês e informes sobre Educação em Geografia, resultados de pesquisas acadêmico-científicas e de práticas e reflexões docentes produzidos por professores da Educação Básica, do Ensino Superior e estudantes de graduação e pós-graduação.

4) Geosaberes - Revista de Estudos Geoeducacionais (Revista associada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, busca oferecer espaço para a veiculação de pesquisas na área de Geografia. Criada em 2010, a revista adota base disponibilizada pela IBICT (SEER/OJS). O objetivo da revista é promover uma ampliação teórico-metodológica dos estudos geográficos, fortalecendo as pesquisas em sua articulação com saberes sociais e ambientais.

Nesta pesquisa identificamos 1.044 artigos, publicados em 81 números de 4 revistas, no período de 2010 a 2019, com o objetivo de identificar, analisar e compreender, como geógrafos e geógrafas têm desenvolvido o trabalho de campo como estratégia de ensino nos últimos anos. O passo a passo deste procedimento foi inicialmente acessar o *site* de cada revista, identificar os volumes do período mencionado, abrir cada número e por meio da leitura dos títulos do artigo, detectar quais apresentavam o "trabalho de campo" como tema do trabalho. Na sequência,

apresentamos na tabela 1, 2, 3 e 4 o quantitativo do material que analisamos em cada revista. Posteriormente foi efetuado a análise dos artigos onde desenvolvemos o quadro que também consta em como foi feito esse procedimento.

Iniciamos a pesquisa na Revista Boletim Gaúcho de Geografia (ver tabela 1). Trata-se de um dos principais espaços virtuais para publicações de trabalhos científicos da área de Geografia. Dos 151 artigos publicados entre os anos de 2010 e 2018, para nossa surpresa, nenhum trabalho apresentou no título dos artigos "trabalho de campo".

Isso nos leva a pensar e questionar o porquê da baixa quantidade de artigos publicados nas revistas com a temática “trabalho de campo”. Temos duas hipóteses: a) o trabalho de campo se tornou uma prática metodológica em desuso por falta de entusiasmo dos professores e pesquisadores, ou b) Pesquisadores e professores têm utilizado outras metodologias de pesquisa, como a utilização de *software*, *drones*, imagens de satélites, ou seja, tecnologia de geoprocessamento em sensoriamento remoto.

Tabela 1: REVISTA BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA

ANO	VOLUME	NÚMERO	Nº DE ARTIGOS	Nº DE ARTIGOS TEMÁTICA
2010	V.36	N.1	5	0
	V.37	N.1	8	0
2011	V.38	N.1-2	10	0
2012	V.39	N.1-2	11	0
2013	V.40	N.1	7	0
	V.40	N.2	8	0
2014	V.41	N.1	15	0
	V.41	N.2	6	0
2015	V.42	N.1	19	0
	V.42	N.2	17	0
2016	V.43	N.1	12	0
	V.43	N.2	13	0
2017	V.44	N.1/2	9	0
2018	V.45	N.1/2	11	0

Fonte: Site da Revista <<https://seer.ufrgs.br/bgg>>. Elaborador: Rodrigo José Lunedo, 2020.

Na Revista Geografia Ensino e Pesquisa (ver tabela 2), constatamos 370 publicações, sendo que destas, apenas três apresentaram a temática trabalho de campo, sendo os seguintes artigos, conforme autor(a) e ano de publicação:

- 1) “Abordagem metodológica do trabalho de campo como prática pedagógica em Geografia”, descrito por Cavalcanti (2011);
- 2) “Análise multitemporal de áreas afetadas pelo fogo no enclave de cerrado do parque nacional dos campos amazônicos utilizando sensoriamento remoto e trabalho de campo”, elaborado por Alves; Pérez-Cabello; Cambraia; Bonadeu; e Silveira, (2018);
- 3) “O trabalho de campo na formação do pensamento e do raciocínio geográfico do professor”, descrito por Copatti (2019).

Tabela 2: REVISTA GEOGRAFIA ENSINO & PESQUISA

ANO	VOLUME	NÚMERO	Nº DE ARTIGOS	Nº DE ARTIGOS TEMÁTICA
2010	V.14	N.2	8	0
2011	V.15	N.1	8	0
	V.15	N.2	12	1
	V.15	N.3	16	0
2012	V.16	N.1	12	0
	V.16	N.2	13	0
	V.16	N.3	13	0
2013	V.17	N.1	13	0
	V.17	N.2	17	0
	V.17	N.3	16	0
2014	V.18	N.1	9	0
	V.18	N.2	10	0
	V.18	N.3	9	0
2015	V.19	N.1	9	0
	V.19	N.2	8	0
	V.19	ED. ESPECIAL	12	0
	V.19	N.3	9	0
2016	V.20	N.1	13	0

	V.20	N.2	15	0
	V.20	N.3	18	0
2017	V.21	N.1	20	0
	V.21	N.2	18	0
	V.21	N.3	16	0
2018	V.22	-	34	1
2019	V.23	-	42	1

Fonte: Site da Revista <<https://periodicos.ufsm.br/geografia>>. Elaborador: Rodrigo José Lunedo, 2020.

A terceira revista que pesquisamos foi a Revista Brasileira de Educação em Geografia (ver tabela 3). Trata-se de uma revista que visa contribuir para as leituras e os estudos no campo da educação geográfica. Segundo a Comissão Editorial e Científica, o objetivo da revista é selecionar artigos que possibilitem aos leitores refletir e repensar sobre a Geografia escolar, em diferentes níveis, contextos e espaços. Identificamos uma grande quantidade de artigos publicados nos últimos dez anos, totalizando 194 publicações. Destas, em apenas três artigos a temática trabalho de campo, compareceu nos títulos dos trabalhos. Veja:

- 4) “Práticas pedagógicas libertárias e a proposta de trabalho de campo na geografia de Élisée Reclus”, escrito por Zanardo (2013);
- 5) “O trabalho de campo na perspectiva de ensino de geografia: uma revisão crítica a partir do cenário internacional”, desenvolvido por Farias, (2019);
- 6) “O trabalho de campo enquanto experiência de ensino dos conteúdos de geografia urbana em um contexto escolar de precarização”, descrito por Cocato e Vitto (2019).

Tabela 3: REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM GEOGRAFIA

ANO	VOLUME	NÚMERO	Nº DE ARTIGO	Nº DE ARTIGOS TEMÁTICA
2011	V. 1	N. 1	6	0
	V. 1	N. 2	4	0
2012	V. 2	N. 3	5	0
	V. 2	N. 4	8	0
2013	V. 3	N. 5	7	1
	V. 3	N. 6	11	0

2014	V. 4	N. 7	10	0
	V. 4	N. 8	13	0
2015	V. 5	N. 9	7	0
	V. 5	N. 10	14	0
2016	V. 6	N. 11	20	0
	V. 6	N. 12	10	0
2017	V. 7	N. 13	10	0
	V.7	N. 14	12	0
2018	V. 8	N. 15	11	0
	V.8	N. 16	16	0
2019	V. 9	N. 17	17	1
	V. 9	N. 18	13	1

Fonte: Site da Revista <<http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo>>.
Elaborador: Rodrigo José Lunedo, 2020.

Por fim, a quarta e última revista investigada foi a revista Geosaberes (ver tabela 4). Ela integra temáticas relacionadas à Geografia, Educação e aos Estudos Culturais. As publicações são destinadas aos pesquisadore(a)s da Geografia Escolar, professore(a)s do Ensino Superior e Básico, estudioso(a)s de temas socioespaciais que dialoguem com o fazer educativo. Registramos 329 publicações nos últimos dez anos e destas, não diferente das outras revistas, constatou-se apenas três artigos com a temática, trabalho de campo no título dos trabalhos.

7) O artigo “Reflexões geográficas a partir do trabalho de campo: experiências na avenida beira mar – Fortaleza/CE” descrito por Matos e Gonçalves(2011);

8) “A importância do estudo da geomorfologia costeira nas aulas de geografia por meio do trabalho de campo”, os autores Barroso e Sacramento(2019);

9) “Formação de professores e educação geográfica: trabalho de campo autônomo com vistas à identificação de riscos geomorfológicos”, elaborado por Afonso; Silva e Costa (2019).

Tabela 4: GEOSABERES – REVISTA DE ESTUDOS GEOEDUCACIONAIS

ANO	VOLUME	NÚMERO	Nº DE ARTIGOS	Nº DE ARTIGOS TEMÁTICA
2010	V. 1	N. 1	8	0
	V. 1	N. 2	11	0
2011	V. 2	N. 3	9	1
	V. 2	N. 4	10	0
2012	V. 3	N. 5	10	0
	V. 3	N. 6	12	0
2013	V. 4	N. 7	6	0
	V. 4	N. 8	10	0
2014	V. 5	N. 9	8	0
	V. 5	N. 10	9	0
	V. 5	N. 1	7	0
2015	V. 6	N. 2	30	0
	V. 6	N. 3	56	0
2016	V. 7	N. 12	10	0
	V. 7	N. 13	12	0
2017	V. 8	N. 14	8	0
	V. 8	N. 15	13	0
	V. 8	N. 16	12	0
2018	V. 9	N. 17	15	0
	V. 9	N. 18	12	0
	V. 9	N. 19	12	0
2019	V. 10	N. 20	11	0
	V. 10	N. 21	18	0
	V. 10	N. 22	20	2

Fonte: Site da Revista <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes>>. Elaborador: Rodrigo J. Lunedo, 2020.

Como já mencionado, a pesquisa foi desenvolvida com a perspectiva de identificar os artigos que abordaram a temática "trabalho de campo" nas revistas já enunciadas, para posteriormente analisarmos os artigos e entender como essas temáticas

foram trabalhadas, nos últimos 10 anos. A partir da metodologia escolhida (pesquisa nos títulos dos artigos) encontramos, somente, nove artigos, publicados. Sendo em 2011 (2 art.), 2013 (1 art.), 2018 (1 art.) e 2019 (5 art.). Na tabela 5 verificamos o resumo da pesquisa.

A análise será realizada a partir dos nove artigos encontrados nas revistas. Procuraremos destacar como os autores destes artigos utilizaram a temática “trabalho de campo” e quais referenciais teóricos utilizaram sobre trabalho de campo.

Tabela 5: ARTIGOS PUBLICADOS EM REVISTAS DE GEOGRAFIA E QUANTIDADE DE PUBLICAÇÕES FOCADAS NA TEMÁTICA TRABALHO DE CAMPO (2010 - 2019)

Revista	Período publicação	Quantidade de artigos	Artigos temática trabalho de campo
Boletim Gaúcho de Geografia	2010 – 2018	151	0
Geografia Ensino & Pesquisa	2010 – 2019	370	3
Revista Brasileira de Educação em Geografia	2010 – 2019	194	3
Geosaberes – Revista de Estudos Geoeducacionais	2010 – 2019	329	3
4 Revistas	10 anos	1.044	9

Elaborador: Rodrigo José Lunedo, 2020.

É válido destacar, que na data da nossa pesquisa, 08/02/2020 revista Boletim Gaúcho não apresentava em seu site, publicações referentes ao ano de 2019.

2.1 - Análise dos artigos nos últimos 10 anos

Agora que identificamos os artigos publicados, que apresentaram em seus títulos a temática "trabalho de campo", iremos analisar como geógrafos e geógrafas têm desenvolvido a prática de campo em seu respectivo fazer geográfico.

Inicialmente lemos cada artigo. Após a primeira leitura, releemos os trabalhos procurando identificar os seguintes aspectos:

1. Título do artigo
2. Autores e Autoras do artigo
3. Ano da Publicação do artigo
4. Temática abordada (ensino, urbana, geologia)
5. Principais referências utilizadas para definir trabalho de Campo

6. Como o trabalho de campo foi utilizado: i) como ferramenta de estudos empíricos *in loco* para a observação dos objetos analisados ou ii) Como atividade de ensino de Geografia.

No quadro 3, apresentamos uma rápida síntese dos 9 artigos.

Quadro 3: Síntese de artigos sobre Trabalho de Campo publicados entre 2010 e 2019

Título do artigo1	Abordagem metodológica do trabalho de campo como prática pedagógica em Geografia.
Autora(s)	<p>COMPIANI, M. A relevância das atividades de campo no ensino de Geologia na formação de professores de Ciências. Caderno IG, UNICAMP, Campinas: v.1, n.2, p. 225, 1991.</p> <p>DAVID, C. Trabalho de campo: limites e contribuições para a pesquisa geográfica, GEOUERJ. Revista do Departamento de Geografia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: n°11, p. 1924, 2002.</p> <p>RADAELLI DA SILVA, A. M. Trabalho de Campo: prática “andante” de fazer Geografia. Revistado Departamento de Geografia, Rio de Janeiro: n° 11, p.6174, 2002.</p> <p>SILVA, A. C. Natureza do trabalho de campo em Geografia Humana e suas limitações. Revistado Departamento de Geografia, SãoPaulo: Universidade de São Paulo, n°1, p.99104, 1982.</p>
Apresentação do trabalho.	<p>A pesquisa tem por objetivo uma abordagem metodológica sobre o trabalho de campo, tratando da prática pedagógica, dentro do planejamento do ensino e pelo contato com a realidade para a formação do profissional/professor de Geografia.</p> <p>Procedimento metodológico: pesquisa bibliográfica e análise de dados.</p> <p>O trabalho de campo é importante instrumento na formação de professores/pesquisadores e acadêmicos.</p> <p>Temática abordada – Ensino.</p>
Título do artigo 2	Análise multitemporal de áreas afetadas pelo fogo no enclave de cerrado do parque nacional dos campos amazônicos utilizando sensoriamento remoto e trabalho de campo.
Autor(a)s	Não identificado autores com a temática trabalho de campo nos referenciais.
Apresentação do trabalho.	<p>O artigo analisa as respostas da vegetação ao fogo no maior enclave de Cerrado da Amazônia Meridional, mediante o uso de séries multitemporais de sensoriamento remoto e informações derivadas de trabalho de campo.</p> <p>Nas informações obtidas em campo se destaca o maior acúmulo de biomassa seca registrado nas parcelas com mais tempo sem queima (~146% superior), no comparativo com áreas de queima recente.</p>

	Temática abordada – Pesquisa.
Título do artigo 3	O trabalho de campo na formação do pensamento e do raciocínio geográfico do professor.
Autor(a)s	CORREA, R. L. Trabalho de campo e globalização. Colóquio O discurso Geográfico na Aurora do século XXI. Programa de pós-graduação em Geografia - UFSC. Florianópolis: 27-29 de novembro de 1996. TOMITA, Luiza M. S. Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia. Geografia, Londrina, v. 8, n. 1, p. 13-15, jan./ jun. 1999.
Apresentação do trabalho.	O objetivo deste artigo é debater sobre a importância do trabalho de campo na formação do pensamento e do raciocínio do professor de Geografia e utilizar uma experiência vivenciada no Chile para abordar alguns aspectos que contribuem para o processo de formação. A pesquisa teórico-bibliográfica, com base em autores que abordam temas como pensamento geográfico, formação de professores e trabalho de campo, compõe a tessitura da reflexão entrecortada com uma experiência de trabalho de campo realizada na região Los Lagos – Chile (2018). Temática abordada – Ensino.

Título do artigo 4	Práticas pedagógicas libertárias e a proposta de trabalho de campo na geografia de Élisée Reclus.
Autora(s)	CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito. Abordagem metodológica do trabalho de campo como prática pedagógica em Geografia. In: GEOGRAFIA Ensino & Pesquisa. v.15, nº2. mai/ago 2011. p. 165-175. Disponível em: < http://cascavel.ufsm.br/revista-geografia/index.php/revistageografia >. Acessado em 27-out-2012. SCORTEGAGNA, Adalberto; NEGRÃO, Oscar Braz Mendonza. Trabalhos de campo na disciplina de Geologia Introdutória: a saída autônoma e seu papel didático. In: TERRÆ Didática. 1(1): 2005. p.36-43. Disponível em: < http://www.ige.unicamp.br/terraedidatica/ >. Acessado em 27out-2012.
Apresentação do trabalho.	Neste artigo apresentamos um resgate histórico de um debate sobre algumas práticas pedagógicas anarquistas do início do século XX, com destaque para o pensamento de Élisée Reclus. Pudemos constatar que o trabalho de campo foi considerado por Reclus como uma importante ferramenta pedagógica. Temática abordada – Ensino.
Título do artigo 5	O trabalho de campo na perspectiva de ensino de geografia: uma revisão crítica a partir do cenário internacional.
Autor(a)s	COOK, V. A., PHILLIPS, D., & HOLDEN, J. Geography fieldwork in a 'risk society'. In: Area. London (UK), 38(4), 413-420, 2006 HOPE, M. The importance of direct experience: A philosophical defence of fieldwork in human geography. In: Journal of Geography in Higher Education.

	<p>London (UK), 33(2), 169-182, 2009.</p> <p>HOVORKA, A. J., & WOLF, P. A. Activating the classroom: Geographical fieldwork as pedagogical practice. In: Journal of Geography in Higher Education. London (UK), 33(1), 89-102, 2009.</p> <p>HUGHES, A. Exploring normative whiteness: ensuring inclusive pedagogic practice in undergraduate fieldwork teaching and learning. In: Journal of Geography in Higher Education. London (UK), 40(3), 460-477, .2016.</p> <p>KENT, M., GILBERTSON, D. D., & HUNT, C. O. Fieldwork in geography teaching: A critical review of the literature and approaches. In: Journal of geography in higher education. London (UK), 21(3), 313-332, 1997.</p> <p>LAI, K. C., & LAM, C. C. School-based assessment of fieldwork in Hong Kong: dilemmas and challenges. In: Geography. Sheffield (UK), 98, 33-40, 2013.</p> <p>LAMBERT, D., & REISS, M. J. The place of fieldwork in geography qualifications. In: Geography. Sheffield (UK), 101, 28-34, 2016.</p> <p>MARVELL, A., SIMM, D., SCHAAF, R., & HARPER, R. Students as scholars: evaluating student-led learning and teaching during fieldwork. In: Journal of Geography in Higher Education. London (UK), 37(4), 547-566, 2013.</p> <p>MCGUINNESS, M., & SIMM, D. Going global? Long-haul fieldwork in undergraduate geography. In: Journal of Geography in Higher Education. London (UK), 29(2), 241-253, 2005.</p> <p>PHILLIPS, R. Curiosity and fieldwork. Geography. Sheffield (UK), 97, 78-85, 2012.</p>
Apresentação do trabalho.	<p>O presente artigo tem como objetivo realizar uma revisão crítica a respeito das origens, valores, tipos, desafios e métodos para a realização do trabalho de campo em uma perspectiva de estratégia de ensino de Geografia. Para isso, realizou-se uma revisão bibliográfica, pautada em escolas geográficas internacionais, que evidencia a contribuição do trabalho de campo para as aulas de Geografia e que pôde ratificar após análise de diferentes autores, a importância da prática de ensino para a garantia de uma aprendizagem significativa, embora existam desafios e obstáculos a serem superados.</p> <p>Temática abordada - Ensino internacional.</p>
Título do artigo 6	O trabalho de campo enquanto experiência de ensino dos conteúdos de geografia urbana em um contexto escolar de precarização.
Autor(a)s	<p>ALENTEJANO, P. R. R; ROCHA-LEÃO, O. M. Trabalho de Campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 84, 2006, p. 51-67.</p> <p>HISSA, C. E. V.; OLIVEIRA, J. R. O Trabalho de Campo: reflexões sobre a tradição geográfica. Boletim Goiano de Geografia, Goiás, v. 24, n. 1-2, 2004, p. 31-41.</p> <p>LACOSTE, Y. A pesquisa e o Trabalho de Campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 84, 2006, p. 77-92.</p> <p>TOMITA, L. M. S. Trabalho de Campo como instrumento de ensino em Geografia. Revista Geografia, Londrina, v. 8, n. 1, 1999, p. 13-15.</p>

Apresentação do trabalho.	<p>A regência no ensino fundamental, no Colégio Estadual Paulo Freire em Londrina/PR, optou-se por utilizar a metodologia de trabalho de campo como um dos elementos passíveis de transformação desta realidade. As questões de debate: o entendimento da precarização do ensino como intencionalmente conduzida a partir de uma lógica orientada pelo mercado; e a transformação do trabalho de campo, de uma atividade subutilizada, para um instrumento de construção crítica e concreta do conhecimento, em especial no ensino de Geografia.</p> <p>Para a realização desta atividade foi escolhido o espaço urbano como temática de trabalho, ligada ao ensino.</p> <p>Temática abordada – espaço urbano ligado ao ensino.</p>
---------------------------	---

Título do artigo 7	Reflexões geográficas a partir do trabalho de campo: experiências na avenida beira mar – Fortaleza/CE.
Autor(a)s	<p>LIMA, Vanuzia Brito; ASSIS, Lenilton Francisco de. Mapeando alguns roteiros de trabalho de campo em Sobral (CE): uma contribuição ao ensino de Geografia. Revista da Casa de Geografia de Sobral. Sobral: v. 6/7, n. 1, 2004/2005.</p> <p>TOMITA. Luiza M. Saito. Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia. Geografia, Londrina, v.8, n.1, p.13-15. jan/jun, 1999.</p>
Apresentação do trabalho.	<p>Este artigo trata da análise do trabalho de campo como linguagem educativa, com recorte espacial o percurso da avenida Beira-Mar, em Fortaleza-Ceará. Busca-se verificar a associação do debate dos conceitos-base que permeiam a ciência geográfica com a observação no trabalho de campo.</p> <p>Temática abordada - trabalho de campo como pesquisa.</p>
Título do artigo 8	A importância do estudo da geomorfologia costeira nas aulas de geografia por meio do trabalho de campo.
Autor(a)s	Não contém autores sobre a temática trabalho de campo.
Apresentação do trabalho.	<p>O objetivo deste texto é analisar a importância dos conteúdos de geomorfologia costeira por meio do Trabalho de Campo para uma turma de 1º ano do ensino médio.</p> <p>Os resultados obtidos foram: maior aproximação dos estudantes com o litoral gonçalense, conscientização sobre os usos da Praia, a questão dos impactos ambientais na praia, observação e importância do mangue como vegetação litorânea.</p> <p>Temática abordada - Trabalho desenvolvido com intuito de uma prática de ensino.</p>
Título do artigo 9	Formação de professores e educação geográfica: trabalho de campo autônomo com vistas à identificação de riscos geomorfológicos.
Autor(a)s	SCORTEGAGNA, A. & NEGRÃO, O.B.M. Trabalhos de campo na disciplina de Geologia Introdutória: a saída autônoma e seu papel didático. <i>Terrae Didática</i> , 1: 36-43. Campinas, 2005.

Apresentação do trabalho.	<p>O DGEO/FFP/UERJ procura formar professores capazes de desenvolver metodologias que insiram o tema de “prevenção de desastre naturais” na educação geográfica básica. Os licenciandos são orientados a estudar situações de desastres naturais na RMRJ, fazendo pesquisas de modo autônomo em diferentes bairros, buscando entender relações entre processos naturais e dinâmica socioambiental locais.</p> <p>Temática abordada - Trabalho de pesquisa.</p>
---------------------------	--

No texto de Cavalcanti (2011), é perceptível a importância que o autor prevalece na descrição do texto em relação à temática, trabalho de campo, mostrando sintonia com o ensino e aprendizagem para uma formação docente de qualidade e enfatiza também a importância do trabalho de campo como recurso didático, potencializando como prática pedagógica acessível e eficaz, para formação dos alunos.

O trabalho de campo é considerado como um instrumento fundamental para a construção do conhecimento geográfico na perspectiva da consolidação do pragmatismo como condição para a compreensão teórica, tendo seu valor pedagógico através do contato com a realidade para a formação do geógrafo. (CAVALCANTI, 2011, p. 167)

O texto dos autores, Alves; Pérez-Cabello; Cambraia; Bonadeu; e Pires da Silveira (2018, p. 1), baseiam-se em uma descrição desenvolvida para o lado da pesquisa, onde a busca de dados e resultados são realizados através da prática em si realizada, o trabalho é desenvolvido com intuito de, “Monitorar e entender as relações entre o fogo e as formações vegetais nos ambientes de transição do Cerrado e a Amazônia”. O terceiro texto, descrito pela autora Copatti (2019), menciona a importância metodológica atribuída para o trabalho de campo na formação dos professores, ressaltando que o artigo também é composto por uma experiência de trabalho de campo realizada na região Los Lagos – Chile em 2018.

Segundo a autora o artigo fica ordenado da seguinte forma,

[...] num primeiro momento, debate-se sobre a formação de professores considerando o desenvolvimento de um pensamento geográfico e um modo de raciocínio geográfico. Em seguida, busca-se nos aportes metodológicos do trabalho de campo tecer reflexões sobre a formação do conhecimento do professor no intuito de conduzir a análises geográficas e, por meio da experiência a campo, refletir sobre a formação em geografia construindo aportes para a educação geográfica, compreendida, a partir de Castellar (2005), como um modo de superar aprendizagens repetitivas e arbitrarias, adotando práticas de ensino que invistam nas seguintes habilidades: análise, interpretação e aplicação em situações práticas. (COPATTI, 2019, p.3)

A autora descreve sobre a importância do trabalho de campo em Geografia, enfatizando como uma das principais ferramentas para a prática de ensino. Pois, é através da observação empírica que os educandos conseguem entender a teoria através da prática. Salienta também alguns argumentos que contribuem para refletir sobre a importância do trabalho de campo no desenvolvimento do pensamento geográfico para o professor, sendo eles:

[...] O trabalho de campo como ferramenta de aproximação entre teoria e realidade. [...] Praticidade em relação a questões abstratas. [...] O Trabalho de Campo na multidimensionalidade de experiências. [...] O trabalho de campo como provocador-inquietador na relação com o espaço. [...] O trabalho de campo enquanto espaço unificador. [...] O trabalho de campo como meio para a produção de conhecimento. (COPATTI, 2019, p. 9-10-11)

O artigo “Práticas pedagógicas libertárias e a proposta de trabalho de campo na geografia de Élisée Reclus”, descrito por Zanardo (2013), dialogando com o pensamento anarquista de Élisée Reclus. Assim, o artigo se apresenta em três tópicos principais, o primeiro faz um resgate ao pensamento libertário e ao ensino de geografia, posteriormente o artigo vai falar sobre a geografia escolar e por fim dialogar sobre a importância do trabalho de campo no ensino de geografia, na visão dos anarquistas em geral.

O artigo “O trabalho de campo na perspectiva de ensino de geografia: uma revisão crítica a partir do cenário internacional”, desenvolvido por Farias (2019), relata como a temática, trabalho de campo, vem sendo trabalhada internacionalmente, a pesquisa foi desenvolvida através de análise crítica de diferentes referenciais bibliográficos, com a perspectiva de estratégia de ensino de Geografia, utilizando o trabalho de campo como principal ferramenta pedagógica.

O terceiro artigo “O trabalho de campo enquanto experiência de ensino dos conteúdos de geografia urbana em um contexto escolar de precarização”, descrito por Cocato; e Vitto (2019) relatam um trabalho de campo desenvolvido em uma escola no município de Londrina (PR) durante a formação acadêmica dos autores, apontando a Geografia Urbana como tema principal. O presente artigo tem como objetivo geral investigar quais são os motivos para a subutilização da prática do trabalho de campo, especialmente no espaço urbano aonde grande parte das escolas se encontram.

Para a realização da atividade os autores apontam alguns elementos principais para elaboração teórico metodológica, sendo eles:

A compreensão da influência de práticas neoliberais na educação brasileira, que rejeita atividades verdadeiramente emancipadoras; a identificação da quantidade de estudantes, no colégio frequentado, que não tiveram contato com o trabalho de campo; o desenvolvimento de trabalho de campo acerca dos conteúdos de espaço urbano; e a verificação de como os estudantes avaliaram o trabalho de campo após a sua concretização. (COCATO; VITTO, 2019, p. 187)

O artigo “Reflexões geográficas a partir do trabalho de campo: experiências na avenida beira mar – Fortaleza/CE” descrito por Matos; Gonçalves (2011) refere-se a uma prática de campo, realizada na margem litorânea de Fortaleza no Ceará, atividade desenvolvida pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará. Esse artigo foi desenvolvido em uma prática a campo, com intuito de observar e analisar as dinâmicas que modelam a faixa litorânea, através dos conceitos geográficos. Os autores Matos; Gonçalves (2011, p. 67) apontam que, “os percursos geográficos apresentam-se como ferramenta mediadora no processo de ensino-aprendizagem, tendo como intuito a construção do conhecimento geográfico através de novas abordagens, confluindo teoria e prática.”

No artigo “A importância do estudo da geomorfologia costeira nas aulas de geografia por meio do trabalho de campo”, os autores Barroso; Sacramento (2019) enfatizam em uma atividade de trabalho de campo para alunos do 1º ano do ensino médio, com bases conceituais na geografia física, ou melhor, em geomorfologia costeira. O trabalho foi realizado com objetivo de levar os alunos a conhecer melhor as vivências despercebidas em seu dia a dia, buscando apontar os conceitos e as dinâmicas que ocorrem na região costeira de São Gonçalo – RJ.

O artigo “Formação de professores e educação geográfica: trabalho de campo autônomo com vistas à identificação de riscos geomorfológicos”, elaborado por Afonso; Silva; e Costa (2019, p 27) apontam a importância da LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e as mudanças que foram feitas na mesma. Através disso, os autores posicionam-se em defesa de uma Educação Geográfica que insira no ensino básico a compreensão das dinâmicas do meio físico, das repercussões que podem advir das interações entre natureza e sociedade e dos riscos associados a processos naturais extremos em áreas de maior vulnerabilidade ambiental.

Finalizamos este capítulo, com a noção de que as principais referências na definição de Trabalho de Campo, nos últimos dez anos foi Luzia M. Saito TOMITA,

(1999) e, Agostinho Paula Brito CAVALCANTI (2011) e que dos nove artigos, cinco focaram o trabalho de campo como atividade de ensino de Geografia.

Isso significa que o trabalho de campo como prática de ensino foi realizado em diferentes recortes espaciais, como por exemplo, a região, o bairro, o lugar, a cidade. Pela perspectiva da observação, interpretação e análise das imediações, foram utilizadas algumas ferramentas como: registros fotográficos, bloco de anotações e entrevistas.

Identificamos o diálogo pré e pós-campo como pontos comum entre os artigos. Em algumas atividades de campo, os professores responsáveis em parceria com os alunos delimitaram área visitada em forma de mapas outros construíram maquetes. A questão é que a representação cartográfica é algo presentes. Nas publicações, fica evidente, que todas as práticas realizadas tiveram elementos que permitiram a efetivação do campo, com base no planejamento, organização e no ensino-aprendizagem de conceitos geográficos.

Partindo do pressuposto que o trabalho de campo é uma estratégia significativa, capaz de despertar o interesse dos alunos para efetivação da Educação Geográfica, por oportunizar o desenvolvimento do raciocínio geográfico a partir da interação com a realidade e da construção de conhecimentos, no próximo capítulo vamos apresentar uma proposta de trabalho de campo, para pensar a cidade, aproveitando os elementos apresentados em alguns dos artigos estudados e analisados neste capítulo.

Capítulo 3 – Proposta de trabalho de Campo: pensar a cidade pela perspectiva da educação geográfica

Nos capítulos anteriores demonstramos como o trabalho de campo é desenvolvido como prática de ensino na Geografia e como os professores utilizam para realiza-lo nas escolas de educação básica. Neste capítulo apresentaremos uma proposta para realização de um trabalho de campo, a partir da perspectiva da Educação Geográfica, com o objetivo de exemplificar e sugerir como trabalhar conteúdos de Geografia Urbana.

A intenção é fazer com a proposta de trabalho de campo dialogue com a perspectiva do raciocínio geográfico, prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – documento homologado em 2017, fundamental para definição do conjunto de aprendizagens essenciais que devem ser construídas ao longo da Educação Básica.

Partindo, disso se faz necessário compreender qual a importância do raciocínio geográfico, mencionado no capítulo anterior, que visa estabelecer relações espaço-

temporais entre fenômenos e processos, em diferentes escalas geográficas e estimular os alunos a pensar a realidade espacialmente.

Para fazer a leitura do mundo em que vivem, com base nas aprendizagens em Geografia, os alunos precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico. O pensamento espacial está associado ao desenvolvimento intelectual que integra conhecimentos não somente da Geografia, mas também de outras áreas (como Matemática, Ciências, Arte e Literatura). Essa interação visa à resolução de problemas que envolvem mudanças de escala, orientação e direção de objetos localizados na superfície terrestre, efeitos de distância, relações hierárquicas, tendências à centralização e à dispersão, efeitos da proximidade e vizinhança etc. (BRASIL, 2017, p. 359)

Ao propor o raciocínio geográfico como competência a ser alcançada ao longo do Ensino Fundamental, a BNCC insere os princípios da Geografia enquanto elementos que subsidiam essa modalidade de raciocínio como: Localização; Distribuição; Extensão; Conexão; Analogia; Diferenciação e Ordem (BRASIL, 2017). Princípios que podem ser abordados em campo.

Nesta discussão, remetendo o debate para o Ensino de Geografia dos dias atuais o autor Girotto (2015), descreve sobre a importância do papel do professor em ser provocador, questionador. Fazer com que o aluno esteja conectado com atenção em suas aulas, trazendo ao debate suas indagações, seus questionamentos. Assim o autor aponta que:

Para a construção do raciocínio geográfico, é fundamental que o professor possibilite aos alunos situações didáticas que lhes permitam desenvolver a capacidade de localizar, orientar-se, descrever, relacionar, interpretar fenômenos nas mais diferentes escalas geográficas de acontecimentos. O desenvolvimento destas capacidades é fundamental para a construção do raciocínio geográfico e nos ajudam a delimitar as contribuições que a geografia pode trazer ao aluno para a compreensão da realidade atual. (GIROTTI, 2015, p. 84-85)

Neste mesmo sentido em que o professor deve ser um provocador, precisa também estimular os alunos a pensar espacialmente, sendo que este pensamento vai estar associado com o desenvolvimento intelectual de cada sujeito, integrando tanto os conhecimentos geográficos, quanto os conteúdos de outras disciplinas.

O trabalho de campo certamente é uma prática que proporciona ao aluno a compreensão de aspectos fundamentais da realidade: como a localização e a distribuição dos fatos e fenômenos nos lugares, a organização espacial de objetos fixos e dos fluxos, as conexões existentes entre componentes físico-naturais e as ações humanas.

Para o desenvolvimento do trabalho de campo é necessário que o professor de Geografia, esteja seguro quanto aos conceitos e elementos geográficos que pretende ensinar. Como já foi dito anteriormente, será necessário: a mediação dos conteúdos na sala de aula, organizar e apresentar aos alunos questões que deverão ser investigadas-dialogadas no campo e ter clareza do conhecimento que se pretende construir.

Nesta proposta abordaremos conceitos e temas da Geografia Urbana, sendo a cidade o recorte espacial do trabalho de campo.

Para tanto é importante deixar claro passo a passo para desenvolver o mesmo. Segundo Copatti, Paim, Pereira (2019), de início, deve-se definir o local e o roteiro a ser realizado, considerando as possibilidades e limites para a execução da proposta, planejar e organizar de forma que durante o percurso, as atividades sejam debatidas com o tempo certo, para chegar no fim com o propósito alcançado.

Além disso, é importante estabelecer os materiais necessários, para a atividade ser registrada posteriormente no relatório de campo, ou no processo avaliativo que tem total importância ao fim da atividade. Além do caderno de anotações, outros materiais são relevantes, câmera fotográfica para o registro de imagens, áudio e vídeo e desenvolvimento de questionários para entrevista durante o trabalho se necessário.

A Geografia escolar, como vista em capítulos anteriores, tem fundamental importância para a vida dos sujeitos que vivem e convivem em sociedade. Para tanto, esta ciência nos faz remeter o pensamento universal sobre a existência, pois nos faz interessante destacar, que o educador veja o mundo não somente como ele é, mas sim entenda todo processo de transformação que ocorreram desde o início das sociedades.

Nesse sentido o professor deve fazer de suas agregações conceituais, que o conhecimento geográfico seja transparente para os alunos. Que apesar das dinâmicas físicas e sociais obterem constantes transformações, que estas sejam analisadas e compreendidas. Assim, os autores Copatti, Paim, Pereira (2019, p. 128) afirmam que:

A construção significativa do conhecimento em Geografia na educação básica passa pelo trabalho do professor. É ele que articula seu conhecimento referente à ciência geográfica, as metodologias de ensino e os conteúdos específicos a serem desenvolvidos, de modo que o aluno possa associar as discussões realizadas em aula ao contexto socioespacial em análise.

Para a realização do plano das aulas de Geografia, o professor deve conter seu planejamento de conteúdos com organização, para tornar a aula agradável, possibilitando a aprendizagem dos alunos. Para os autores, Copatti, Paim, Pereira 2019,

p. 129. “O planejamento, o engajamento dos alunos, a proposição de saberes, habilidades e competências e a avaliação delas antes, durante e após a “visita-ação” podem garantir êxito na medida em que vincula prazer e aprendizado”.

Para o desenvolvimento do roteiro alguns aspectos devem ser considerados:

Quadro 4: Roteiro para desenvolvimento do trabalho de campo

1. Escolha da área de estudo	Ponderando sobre qual melhor local melhor atende aos objetivos a serem alcançados no componente curricular.
2. Acesso ao local	É importante realizar o que chamamos de pré-campo, que consiste no reconhecimento da área, do trajeto, do tempo de deslocamento e das atividades a desenvolver em determinado período de tempo.
3. Material necessário	Após a definição da proposta é importante planejar o material necessário para uso pessoal e para utilização durante a pesquisa de campo, como por exemplo, o caderno de campo, que se constitui como uma forma de registro de tudo que é desenvolvido nas etapas da pesquisa.
4. Planejamento com os alunos	Apresentam-se as razões que levaram a escolha do roteiro, os objetivos do trabalho de campo, como vai acontecer o deslocamento e o trabalho <i>in loco</i> e o que precisa ser realizado na prática, considerando a interação com os estudos teóricos que são realizados em sala de aula.
5. Especificidades do roteiro de estudo	Intenções de aprendizagem que envolvem o grupo a partir do olhar geográfico, e do raciocínio a ser desenvolvido com base nas questões lançadas pelo professor.
6. Relatório de campo	É importante que no planejamento pré-campo seja esclarecido aos alunos o que precisa ser observado, a importância destes registros e a finalidade que terá na atividade pós-campo, quando a pesquisa constitui-se como suporte para análise.
7. Divulgação dos resultados da atividade	Apresentação das conclusões a que os estudantes chegaram a partir do estudo prático relacionado ao conteúdo estudado em aula.

Fonte: Copatti, Paim, Pereira, 2019, p. 130 Elaborado: Rodrigo José Lunedo, 2020.

3.1 - Proposta do trabalho de campo

A proposta do trabalho de campo foi elaborada, pensando nos estudantes do 8º ano do ensino fundamental, pois nesta fase é trabalhado conteúdos de regionalização mundial: América, África, Europa, Ásia, Antártida, Oceania, oportunidade de relembrar o conceito de paisagem e trabalhar espaço geográfico e urbanização a partir da realidade vivida pelos estudantes.

Elaboramos um roteiro na cidade de Erechim (RS), para tal escolhemos locais, ou paradas, para debater conteúdos de Geografia urbana, para dialogar sobre as diferenças socioespaciais, crescimento urbano, segregação urbana, valorização imobiliária, construções sobre áreas de risco, dinâmica da cidade, principais rotas de acesso para a cidade, condomínios fechados com a intenção de despertar o interesse dos estudantes e desenvolver as competências e habilidades previstas na BNCC como: i) estabelecer relações entre os conceitos de paisagem, lugar e território em diferentes escalas espaciais”, ii) aplicar conhecimentos geográficos para identificar fenômenos sociais, políticos e espaciais que retratem o espaço geográfico local-mundial e iii) relacionar natureza e a sociedade na construção de seus espaços geográficos e no estabelecimento de relações com os demais espaços ¹.

A proposta de trabalho de campo foi elaborada para cidade de Erechim, que segundo IBGE tem sua população estimada em 106.633 habitantes para o ano de 2020, segundo o último censo que foi realizado em 2010 a cidade consta com 96.087 habitantes, com respectivamente uma área territorial de 429,204 km². A cidade esta localizada na região sul do Brasil e ao norte do Rio Grande do Sul. É o polo da região geográfica imediata de Erechim, onde se encontra maior concentração para serviços, saúde e geração de empregos. Faz divisa ao norte com Aratiba e Três Arroios, ao sul com Erebangó e Getúlio Vargas, Gaurama e Áurea fazem divisa com o município ao leste e Barão do Cotegipe e Paulo Bento ao oeste.

Muitas indústrias estão localizadas ao sul do espaço urbano, há uma concentração de oferta de serviços e comércio no centro da cidade bem como bairro Três Vendas. A praça da Bandeira é um local de referência importante pois no seu entorno localiza-se a sede da prefeitura, o Castelinho (estrutura predial histórica, considerada como patrimônio histórico que conta parte da fundação da cidade), a Matriz da igreja católica. Destacamos este ponto de referência pois trata-se de uma “parada” interessante para observar e contar sobre a formação histórica da cidade e sua atual organização espacial.

¹ A proposta aqui desenvolvida surge da experiência vivida no trabalho de campo “Produção do espaço urbano e diferenciações socioespaciais em Erechim. A paisagem e a representações cartográficas como instrumentos de análise geográfica da realidade” realizada em 2018, sob coordenação dos docentes Prof. Paula Lindo, Reginaldo José de Souza, Éverton Kozenieski. Trata-se de um campo vinculado ao Programa de extensão: “A Escola na UFFS e a UFFS na Escola: Geografias e Encontros” que inspirou a proposta neste TCC.

Em seus primórdios a cidade de Erechim era conhecida como Paiol Grande, posteriormente passou a se chamar Boa Vista, depois Boa Vista do Erechim, até finalmente ser chamada de Erechim, neste processo todo, muitas autoridades de nível local tiveram importância para o crescimento e desenvolvimento da cidade, sendo que um dos marcos históricos que a cidade mantém, é a manutenção da obra do Castelinho, este serviu no século passado para as discussões em relação ao planejamento da cidade e da micro – região de Erechim.

O prédio conhecido como Castelinho, se encontrava a antiga Sede da Comissão de Terras do Estado, é a mais antiga construção de madeira de Erechim ainda existente. Em 1916 foi instalada no prédio a Comissão de Terras, com a finalidade de demarcação e venda de lotes rurais e urbanos, instalação de núcleos agrícolas e urbanos, assentamento de imigrantes europeus como agricultores nas novas colônias, abertura de estradas coloniais.

Nos últimos anos, observa-se a expansão urbana e a criação de bairros novos, bem como a produção de subcentros como Três Vendas e Atlântico. Cabe destacar que as Instituições de Ensino Superior como Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), localizada na saída para Getúlio Vargas, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai (URI), localizada na principal avenida que corta a cidade e o Instituto Federal, localizado no bairro Três vendas conferem à cidade uma dinamicidade econômica e espacial que altera a dinâmica espacial da cidade.

O município de Erechim é o mais populoso da região geográfica imediata, apresentando em sua morfologia urbana características das desigualdades socioeconômicas. Os bairros de população economicamente menos favorecida localiza-se nos arredores da cidade, principalmente ao sul (bairro Progresso, Cristo Rei), sudeste (bairro Florestinha) e a oeste (bairro Presidente Vargas). Sendo estes, bairros onde se concentram a maior parte da população mais precária da cidade. Por outro lado, principalmente ao norte e na região central da cidade, localiza-se bairros com residência de alto padrão, ou seja, de melhores condições sociais. Na proposta a seguir, destacaremos tais elementos.

Trabalho de Campo: Erechim: organização do espaço urbano e as diferenças espaciais

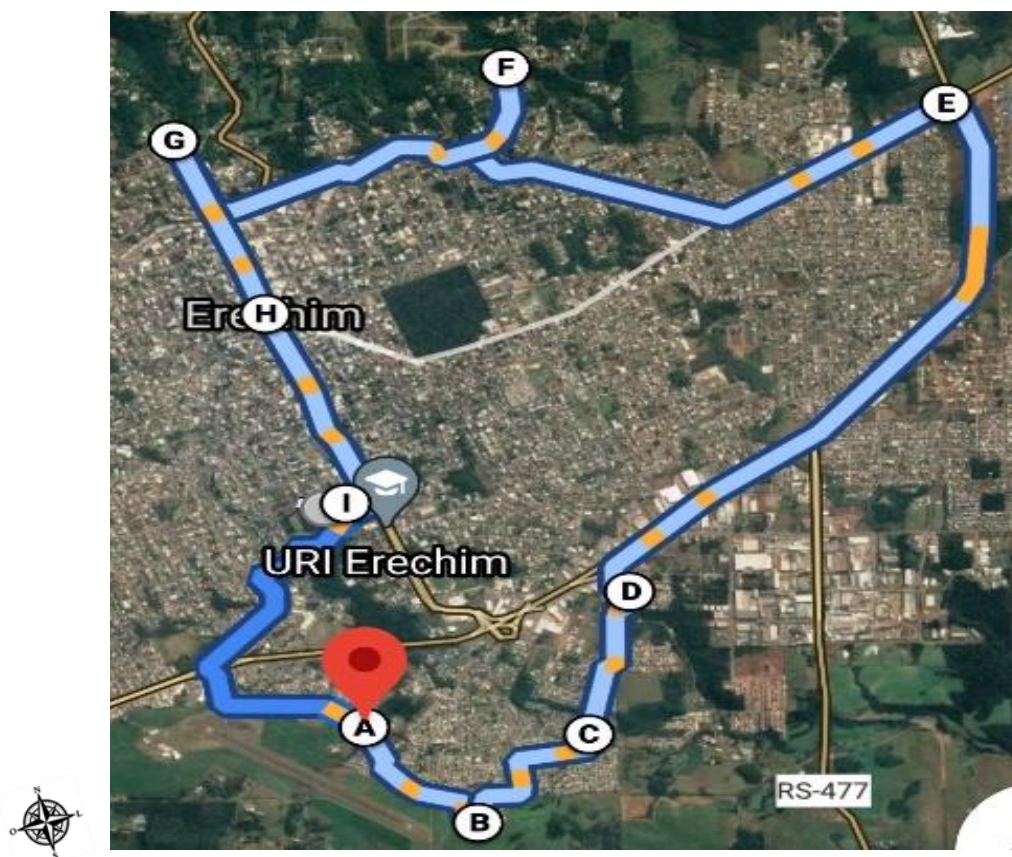
Objetivos do Campo: Fornecer aos estudantes a oportunidade de aprender elementos da produção do espaço urbano (segregação urbana, problemas ambientais, ocupação

urbana, infraestrutura, elementos da paisagem, fluxo urbano, desigualdade social) mediante a observação direta de elementos que compõem a organização da cidade e suas respectivas desigualdades socioespaciais.

I. Escolha da área de estudo: Bairros de Erechim: São Cristovão, Aeroporto, Progresso, Cristo Rei, Petit Village, Estevam Carraro, Bela Vista, Atlântico, Parque Livia, Florestinha, Linho, Demoliner, Copas Verdes, José Bonifácio, Esperança, Morro da Cegonha, Ipiranga e Centro (ver pontos de A a I no mapa1).

II. Acesso ao local – Pré-campo: O Pré-campo é importante para o planejamento da atividade. Neste item estabelecemos os lugares, verificamos o tempo de deslocamento, a distância e quanto tempo é possível ficar em cada lugar. Propomos uma Saída de Campo de quatro horas.

Mapa 1 – Localização do trajeto e pontos de parada do trabalho de campo em Erechim - RS



Fonte: Google Earth, 2020.

Ponto de Partida: Seminário Nossa Senhora de Fátima

Ponto A: parada bairro Aeroporto – deslocamento de 2.8 km (10min.). Conteúdo: Conjunto de Interesse Social, observação dos padrões das moradias e das características dos moradores. Caminhada de 20 minutos pelo bairro.

Deslocamento de Ponto A para Ponto B: bairro Aeroporto para o bairro Progresso – deslocamento de 1.8 km em torno de 10 min. Conteúdo: Infraestrutura urbana, padrões das moradias. Deslocamentos de 20 minutos no veículo.

Ponto B: parada no Residencial Alto da Coxilha Conteúdo: paisagem, organização do espaço urbano, padrão de desigualdade. 10 minutos para observação e apontamentos.

Deslocamentos do Ponto B para Ponto C: bairro Progresso para o bairro Cristo Rei – deslocamento de 1.1 km em torno de 5 min.

Ponto C: parada no rio, no bairro Progresso. Conteúdo: problemas ambientais urbano: canalização do rio. Diálogo de 20 minutos sobre o que foi observado.

Deslocamento do Ponto C para o Ponto D: bairro Cristo Rei para o bairro Estevam Carraro – deslocamento de 1.2 Km em torno de 5 min.

Ponto D: parada no bairro Estevam Carraro em frente ao Conjunto Habitacional. Conteúdo: padrão das moradias, histórico de construção do conjunto habitacional, observação do padrão das moradias. 15 minutos para observação e apontamentos

Deslocamento do ponto D para ponto F: bairro Estevam Carraro para o bairro Demoliner ponto E, (sem parada) até o bairro Esperança – deslocamento de 8.2 Km em torno de 28 min. Conteúdos: instalação de grandes empresas nas margens da rodovia, alteração e padronização das moradias, desigualdades sociais, falta de infraestrutura nos bairros de baixa renda, formação de novos bairros.

Ponto F: parada próximo ao Ginásio Esperança. Conteúdo: verificar o padrão de construção das casas, verificar infraestrutura, discutir as desigualdades sociais. 20 minutos para observação e apontamentos

Deslocamento Ponto F ao Ponto G: bairro Esperança para o bairro Ipiranga – deslocamento de 2.8 km em torno de 10 min. Conteúdo: verificar a infraestrutura urbana e o padrão das moradias (sem parada).

Deslocamento do **Ponto G** para o Ponto H – deslocamento de 1.2 km (pela Avenida Principal) em torno de 5 min. Conteúdo: observar as lojas, moradias, infraestrutura predial das lojas do centro.

Ponto H: parada na Praça da Bandeira. Conteúdo: história de ocupação da cidade e diálogos sobre a organização da cidade e as desigualdades. 40 minutos para observação, apontamento em debate sobre os elementos observado e aprendizagens.

Deslocamento Ponto H (ponto de partida): Centro para Seminário Nossa Senhora – deslocamento de 1.5 Km em torno de 6 min.

III. Material necessário:

Ao professor: levar recursos, cartas topográficas, mapa da cidade, caderno de anotações, caneta. Os alunos devem conter caderno de anotações, caneta, máquina fotográfica, ou celular. Além disso, os estudantes deverão usar calçado confortável, boné, protetor solar e levar água.

IV. Planejamento com os alunos:

Para efetivação de um trabalho de campo é importante que o professor tenha proposto com antecedência as temáticas, dialogado com os alunos em sala de aula o que é importante observar quando ocorrer o trabalho. O professor deve se preparar com antecedência, pois em nossa proposta há necessidade de transporte para deslocamento, assim, se deve informar a escola, conversar com a direção, fazer pedido na prefeitura do município a questão do transporte, pedir autorização dos pais quando o aluno for menor de idade para que ele faça o trabalho de campo, afirmando a importância desta atividade.

V. Especificidades do roteiro de estudo:

A sugestão de prática de trabalho de campo aqui elaborada possui os princípios da Educação Geográfica como centrais para seus desenvolvimentos. Possibilita-nos ao realizar o campo, ampliar nossa visão espacial, a visão geográfica, a capacidade de percepção geográfica para observar, questionar, analisar e interpretar a dinâmica nos diferentes espaços. Como afirma (Morais; Cavalcanti, 2011, p.15). Estes espaços, “[...] podem-se construir experiências individuais e coletivas com a complexidade, enriquecendo o cotidiano, permeado pelos conflitos e contradições estruturais da sociedade”.

Os autores ainda descrevem alguns elementos decorrentes na visão interna da cidade, que por eles é definido como visão “por dentro”, permitindo a compreensão dos movimentos sociais ali expressos (MORAIS; CAVALCANTI, 2011, p.18). Assim melhor definem,

Ver a cidade “por dentro” significa entender os motivos e os processos pelos quais ela é ocupada, produzida e consumida desigualmente pelos diferentes sujeitos; significa [...] perceber o porquê das feiras noturnas terem se

convertido num ponto de encontro, num espaço de lazer, principalmente da população residente nas áreas de periferia pobre da cidade; o porquê das áreas de risco ambiental serem ocupadas; os motivos pelos quais há tantos espaços vazios nas áreas com melhores infra-estruturas e nas áreas densamente ocupadas de população pobre faltam elementos básicos que conferem maior qualidade de vida.

A partir disso, que vai ser especificado os conteúdos trabalhados na prática aqui desenvolvida. Utilizando a cidade como principal indício para o entendimento das relações decorrentes nas diferentes espacialidades que a mesma oferece.

Visando isso, a proposta tem como tema central, analisar, observar, dialogar e interpretar, como as diferenciações socioespaciais e a produção e reprodução do espaço urbano estão presentes em uma das partes da cidade de Erechim RS. Partindo da localização central da cidade, por pontos cardeais, iniciaremos na parte sudoeste, sul, sudeste, leste, nordeste e norte, retornando na parte central.

A proposta de trabalho de campo distribuída em 8 (oito) pontos estratégicos se inicia no Seminário Nossa Senhora de Fátima, onde vai ser apontado de forma prévia, algumas temáticas que serão debatidas ao longo do trajeto, esclarecimento de dúvidas dos alunos, explicar o percurso e a quantidade de paradas. Alguns conteúdos que vão ser debatidos: Elementos de composição da paisagem; Observação da ocupação urbana; Diferenças na ocupação e uso do solo; expansão urbana; Bairros valorizados x bairros “periféricos”; Padrão de moradias, Condomínios e Conjunto de Interesse Social; Problemas ambientais urbanos.

Ponto A

No primeiro ponto de parada vai ser dialogado sobre como foi à chegada até aquele local, quais foram as mudanças que puderam ser observadas e como aquele espaço está organizado. Partindo disso, o professor vai discursar sobre as principais vias de acesso para a cidade, os elementos que compõe a paisagem, observação da ocupação urbana, saneamento e infraestrutura, espaço de lazer.

Assim, o professor junto com seus materiais de apoio vai contribuir com o discurso dos elementos acima, colocando que a rodovia BR 153, além de ser uma das principais vias de deslocamento para outros estados, é através dela que a cidade de Erechim se dispersa, para isso, vai ser necessário à utilização de um mapa ou uma carta topográfica.

Em relação aos elementos da paisagem, o professor deve enfatizar que a observação destes, deve ser analisado de forma crítica, pois são muitas alterações que podem ser vistas neste ponto de parada, consegue-se observar a dispersão da cidade de Erechim, ponto central, como podemos ver na **Fotografia 1** tem uma grande parte de construções verticais, pois há uma grande demanda da população que procura aquele espaço, podemos observar também mais a esquerda da imagem outros bairros da cidade, áreas contendo vegetação, e nas proximidades de onde foi tirada a foto tem-se a percepção de uma nova formação urbana, ou seja, um novo bairro.

Na **Fotografia 2**, conseguimos observar um espaço totalmente diferente da primeira imagem, pois pode ser observado que a formação daquele espaço se desenvolveu com uma padronização nas construções, consegue-se observar também que a falta de um espaço de lazer para as crianças, adolescentes. Questão de saneamento e infraestrutura é observado, que a uma precarização no planejamento das ruas. Para que os alunos aprendam o professor deve, colocar de forma transparente o que vai ser ensinado, questionando e fazendo com que os alunos questionem também. Com a utilização do mapa, o professor deve questionar os alunos em achar o ponto onde estão, quais os espaços que estão sendo observados, porque há determinado tipo de construção em um determinado espaço e porque se diferencia do outro.

Fotografia 1: Elementos da paisagem



Foto: Rodrigo José Lunedo, 2020

Fotografia 2: Padronização residencial



Foto: Rodrigo José Lunedo, 2020

Ponto B

Partindo do ponto A para o ponto B, é necessário que o professor peça aos alunos, que observem as mudanças decorrentes no trajeto, pois há possibilidade de ocorrer paradas aleatórias, sem descer do transporte para mencionar alguns pontos a serem debatidos, quando ocorrer a parada para diálogo.

As desigualdades sociais é um dos principais conteúdo a ser trabalhado nesta região, pois é um dos locais onde está concentrada a maior parte da população mais pobre da cidade. É pertinente observar que em alguns pontos deste trajeto esta visível, nas encostas do relevo algumas casas sem o menor planejamento ou projeto de construção, pois muitas estão situadas em área de risco, ou seja, a qualquer momento pode desabar, como pode-se observar na **Fotografia 3** abaixo. Neste caso é importante o professor trabalhar com conteúdo da geografia física, para melhor descrever o ocorrido, onde pode dialogar sobre o deslizamento de encostas, que é comum ocorrer em áreas de relevo acidentado, devido a falta de cobertura vegetal, ou retirada desta, e altos índices de chuva, flexibilizando esta área do solo e ocasionando o deslizamento.

É necessário também a observação da ocorrência de problemas ambientais, que são visivelmente decorrentes durante o trajeto, pois a grandes concentrações de lixo nas ruas, e principalmente em locais de terrenos baldios. Aqui vai ser destacado fora estes

problemas ambientais já mencionados, o acontecimento de uma área desflorestada e aterrada, como esta representado na **Fotografia 4**. O professor deve colocar como conteúdo a ser trabalhado como áreas de desmatamento, pois é importante destacar aos alunos, que pela menor quantidade que seja da retirada de árvores, os problemas vão se agravando, os animais que ali residiam, acabam ficando sem seu habitat. O professor pode fazer uma reflexão em uma escala maior, oportunizando essa ocasião e dialogar com os acontecimentos de maior ocorrência no país. A retirada da cobertura vegetal está relacionada com indiferentes situações, mas as mais visíveis são, com a expansão do agronegócio, com o extrativismo animal, vegetal ou mineral, com a urbanização referente ao crescimento das cidades.

Na **Fotografia 5**, fica o ponto de parada, sendo neste ponto onde vai ser debatido os acontecimentos descritos até o momento, oportunizando uma bela visão para apreciar os elementos que compõem a paisagem, identificando com maior detalhe os mais próximos. Sendo assim, ainda pode ser debatido sobre construção de um conjunto habitacional, nomeado Residencial Alto da Coxilha I, sendo todas as residências com o mesmo padrão de construção, nas bordas da cidade. Nesta parada, devido à visão sobre os bairros Progresso e Cristo Rei, o professor deve debater sobre a organização e distribuição destes dois bairros.

Fotografia 3: Área de Risco



Foto: Rodrigo José Lunedo, 2020

Fotografia 4: Desflorestamento e Aterro



Foto: Rodrigo José Lunedo, 2020

Fotografia 5: Residencial Fechado Alto da Coxilha I



Foto: Rodrigo José Lunedo, 2020

Ponto C

Neste ponto o professor deve perguntar aos alunos o que foi observado durante o percurso B até a chegada no ponto C, sendo que o deslocamento é feito por uma das principais vias do bairro progresso, podendo analisar a padronização das residências naquele local, distribuição arbórea, áreas de lazer.

Na chegada do ponto C, a parada vai ser feita ao lado do rio Tigre. Neste espaço os alunos terão muitas informações e perguntas a serem feitas, devido ser uma das principais nascentes que a cidade de Erechim contempla e estar como se encontra. Ao professor cabe dialogar sobre a importância desta nascente, introduzir brevemente a formação de uma bacia hidrográfica, oportunizando a utilização de uma carta topográfica que informe o curso de água, para o aluno associar onde nasce e onde desagua o curso hídrico, mencionar também que boa parte do mesmo se encontra canalizado para evitar problemas maiores, como a inundação, para a sociedade residente neste espaço. Além disso, é necessário que o professor aponte quais os principais problemas que ocorrem nesta área, sendo que, como pode-se visualizar na **Fotografia 6 e 7**, muitos problemas ambientais podem ser vistos, sendo eles: quantidade grande de lixo no canal, muitos efluentes sanitários vindos direto das residências para o canal, falta de proteção a este recurso, ou seja, não há respeito algum pela sociedade ao que se refere na áreas de preservação permanente. Como pode ser observado na **Fotografia 6**, além da grande quantidade de lixo, pode ser visto uma residência praticamente em cima do rio, colocaram até uma escada para ter acesso dentro do rio, quando falamos em desigualdades é além da cultura étnica racial, mas também das condições precárias que as pessoas vivenciam no seu dia a dia.

Neste ponto é importante que o professor trabalhe com as desigualdades sociais, pois como já mencionado em outros pontos, a desigualdade é um dos elementos mais visíveis, nestes locais já percorridos. O professor deve apontar que a questão de desigualdade na cidade de Erechim já pode ser vista antes mesmo de qualquer indivíduo se fazer presente nestes bairros de menor qualidade de vida, consegue-se observar da entrada principal, sendo bairros distantes da parte central, bairros praticamente esquecidos pela sociedade em um todo. No ponto que foi fotografada a Fotografia 8, o professor consegue relatar como está distribuído o bairro Progresso a partir dos elementos da paisagem, constatando a falta de infraestrutura nas ruas por serem estreitas, moradias de médio para baixo padrão, falta de vegetação na região central do bairro, falta de área de lazer.

Fotografia 6: Canalização e poluição



Foto: Rodrigo José Lunedo, 2020

Fotografia 7: Problemas ambientais urbano



Foto: Rodrigo José Lunedo, 2020

Fotografia 8: Paisagem Bairro Progresso



Foto: Rodrigo José Lunedo, 2020

Ponto D

Nesta parada o professor pode dialogar, sobre a formação de condomínios habitacionais verticais, provocando o aluno a discutir e fazer comparação com o que já foi visto no ponto B, onde foi observado o conjunto habitacional Alto da Coxilha I. É bom destacar que neste ponto o condomínio foi desenvolvido de forma vertical, ou seja, construção de prédios, possibilitando maior quantidade de pessoas com sua própria moradia. Faz-se necessário, o professor resgatar um pouco da história para o diálogo com os alunos, enfatizando ano de criação, quem podia adquirir um apartamento, qual o interesse da empresa que construiu, padronização dos prédios. Na Fotografia 9, pode ser visto como a formação habitacional está representada. O conjunto habitacional foi criado com intenção de oportunizar pessoas com poucas condições financeiras na década de 1970, em adquirir seu próprio lar.

Fotografia 9: COHAB bairro Estevam Carraro



Foto: Rodrigo José Lunedo, 2020

Ponto E

Neste ponto não vai ocorrer parada, mas cabe ao professor dialogar com os alunos a respeito de alguns elementos no trajeto. No deslocamento do ponto D até o ponto F é possível observar as alterações que ocorrem ao chegar na rodovia, pois o trabalho se apresentava até então com situações da sociedade de condições precárias de vida. Passando então, a decorrer no trajeto sobre empresas de altos padrões que estão inseridas nas margens da BR 153, duas que se instalaram recentemente são as que mais chamam atenção, como pode ser visto na **Fotografia 10**. O professor deve colocar aos alunos que as mesmas oportunizam emprego, demonstram mais ofertas de mercadorias, mas ao mesmo tempo, tiram cada vez mais os micros pequenos empresários que estão querendo se instalar na comunidade.

Ainda durante este trajeto o professor deve apontar aos alunos sobre a distribuição socioespacial, que a sociedade erexinense se encontra, pois a formação de novos centros, como é o caso do bairro Atlântico, principais vias de acesso para a cidade que se encontram no percurso, precariedade na infraestrutura e nas condições de vida dos moradores do bairro Florestinha, diferenciação socioespacial, como pode ser visto na **Fotografia 11**, as residências de baixas condições, situadas em beira trilhos x

prédios de alto padrão ao fundo da imagem, formação de novos bairros é notório nas bordas da cidade (**Fotografia 12**), observar o distanciamento destes locais até o centro da cidade.

Fotografia 10: Novos empreendimentos nas margens da BR 153



Foto: Rodrigo José Lunedo, 2020

Fotografia 11: Moradias precárias



Foto: Rodrigo José Lunedo, 2020

Fotografia 12: Expansão Urbana



Foto: Rodrigo José Lunedo, 2020

Ponto F

Este ponto está localizado no bairro Esperança, possibilitando que o professor faça um comparativo das realidades analisadas, observadas e interpretadas até aqui. Argumentando sobre as mudanças de valorização imobiliária, padrões das moradias, expansão urbana e infraestrutura. É importante ressaltar aos alunos a questão de terrenos maiores, onde há concentração maior de arborização, muitos destes se concentram em áreas íngremes e de difícil acesso, como pode ser visto na **Fotografia 13**.

Além disso, no fundo da imagem pode ser observado a formação de um novo bairro, onde cabe ao professor ressaltar alguns impactos ao meio ambiente com a retirada das árvores para efetivação do mesmo, bairro de alto padrão nas bordas da cidade, intenção de lucratividade da empresa que construiu o loteamento. Na **Fotografia 14**, pode ser observado o tipo de padrão das moradias do bairro Esperança. É necessário que o professor ao colocar as questões para o diálogo com os alunos, que faça associações com outros bairros de menor qualidade de vida, para ver as mudanças que ocorrem de um espaço para outro e dizer que de fato então existe desigualdades em Erechim.

Fotografia 13: Expansão Urbana de alto padrão



Foto: Rodrigo José Lunedo, 2020

Fotografia 14: Características urbanas



Foto: Rodrigo José Lunedo, 2020

Ponto G

Neste ponto não haverá parada, pois como foi visto no ponto anterior o diálogo é em relação as formas que a sociedade está distribuída na cidade, onde o professor pode desenvolver com os alunos a questão de condomínio fechado, pois até então tinha falado dos condomínios habitacionais para sociedade com menor renda. Pode ser falado sobre as ruas da cidade, como eram vistas em outros pontos e como pode ver no deslocamento pelo local, as quais são com maior quantidade de espaço, sendo os sentidos da via cortados com um canteiro e espaço de lazer, como pode ser visto na **Fotografia 15**.

Fotografia 15: Características urbanas



Foto: Rodrigo José Lunedo, 2020

Ponto H

Neste ponto, o professor deve enfatizar a argumentação, colocando aos alunos um pouco da história da cidade, pois é aqui que se encontra o início da formação urbana de Erechim, obtendo como marco histórico o Castelinho, a prefeitura e alguns prédios que foram passados quando deslocamos, como é visto na **Fotografia 16**. Posteriormente o professor deve pegar um mapa da cidade, colocar no chão e chamar todos para perto, dialogando sobre todos os pontos que passamos até aqui e pedir para eles indicarem no mapa.

Partindo disso, o professor deve apontar alguns elementos principais para dar fim ao trabalho de campo, falando sobre a praça da bandeira, que serve como rótula e dimensiona as ruas para as bordas da cidade, a continuidade das ruas da avenida principal com espaço de lazer e canteiro central e os principais empreendimentos estão relacionados ao comércio (lojas, supermercados).

Fotografia 16: Prefeitura municipal de Erechim



Foto: Rodrigo José Lunedo, 2020

Fotografia 17: Traçado das vias Centrais de Erechim



Foto: *Google maps*, 2020

VI. Relatório de Campo

Durante o início do trabalho de campo, o professor deve deixar claro aos alunos que a atividade terá como finalidade uma proposta reflexiva, podendo acontecer uma avaliação como complemento, partindo das anotações e dos registros que cada um fez em seus materiais, sobre o que foi observado e dialogado no campo. A atividade proposta será o desenvolvimento de um relatório, onde a turma poderá fazer grupos de até 4 integrantes para elaboração dele, discutindo as diferenciações e desigualdades socioespaciais, como o espaço urbano sofre transformações e a partir destas, como ele está organizado. Desta forma, o professor necessita propor uma estrutura de relatório, deixando claro que os alunos devem descrever os elementos observados em cada ponto de parada, pesquisar sobre os principais temas abordados, elaborar análises. A atividade poderá ser finalizada com a socialização dos trabalhos. A apresentação pode ser individual e formato de roda de conversa. Caso a escola tenha recurso para impressão das fotografias, seria interessante elaborar um painel no mural externo da sala de aula, inclusive esta é a última etapa da atividade de campo: divulgação dos resultados.

VII. Divulgação dos resultados da atividade

A Geografia através de sua existência proporciona aos sujeitos que convivem em sociedade, a discussão dos conceitos e elementos que compõem o espaço geográfico. Partindo disso, nosso trabalho foi desenvolvido com a perspectiva de buscar a compreensão das diferentes relações na sociedade, utilizando o trabalho de campo para efetivar a Educação Geográfica. A qual tem importância para a formação do conhecimento aprimorado de cada sujeito, ou seja, é através da Educação Geográfica que conseguimos desenvolver nosso raciocínio, pois é a mesma que fomenta a indagação, a pergunta, o auto estímulo, assim como, nos remete em analisar, observar, interpretar as mudanças que são decorrentes na sociedade, sendo tanto no processo natural, quanto nas mudanças desenvolvidas pela humanidade.

Além disso, como já afirmamos anteriormente, a Educação Geográfica é capaz de proporcionar aos estudantes a construção do conhecimento, bem como a compreensão de que somos sujeitos transformadores dos “espaços”. Depois de observar, conhecer, analisar e discutir sobre a dinâmica do espaço urbano da cidade de Erechim (RS), é importante divulgar os resultados obtidos desta experiência. Divulgar implica no envolvimento de todos, no exercício de sistematização da informação e na construção de como divulgar. Propomos que seja elaborado um mapa-mural no painel externo da

sala de aula. Trata-se de colar um grande papel pardo na parede, projetar o mapa do espaço urbano da cidade na parede, desenhá-lo. Desta maneira cria-se uma base cartográfica. Depois os alunos vão preenchendo o mapa com fotos do campo e informações coletadas e analisadas. Uma maneira de desafiar os estudantes a pensar como divulgar a organização espacial da cidade em que vivem.

Desta forma, a Geografia pode encantar e despertar elementos de cidadania nos alunos. Isso é possível se eles conseguirem compreender que o espaço urbano não é construído por uma força aleatória do acaso e que eles enquanto cidadãos podem transformá-lo se compreenderem como o espaço urbano é produzido, disputado e organizado.

Considerações finais

Percebemos que o ensino e suas abrangências de conteúdo são fundamentais quando bem mediados aos alunos, produzindo o conhecimento e realizando em cada um, sua própria forma de pensar, ou melhor, como cada um se apropria da criticidade sobre os conteúdos trabalhados.

Fomentamos ainda, que há possibilidades de efetivar a Educação Geográfica a partir do trabalho de campo, quando ele for planejado, organizado e contextualizado pelo professor.

Detectamos que há poucas publicações em revistas de *Qualis* B1 e B2, a respeito do trabalho de campo como prática de ensino em Geografia, pode-se considerar que por meio do trabalho de campo podemos observar, analisar, interpretar e compreender as relações produzidas e reproduzidas no espaço geográfico, e que isto proporciona o desenvolvimento do Raciocínio Geográfico mencionado na BNCC.

Na pesquisa realizada nas revistas, identificamos nove publicações com foco no trabalho de campo, resultado se mostrou ínfimo, comparando a quantidade total de artigos publicados nas revistas como um todo. No entanto, o que nos chama atenção é que nenhum deles foi escrito com base na Educação Geográfica. Como já afirmamos a Educação Geográfica é uma possibilidade para o desenvolvimento da educação cidadã, sendo que o objetivo é abordar os conteúdos de geografia, para realizar a análise geográfica com o olhar para a formação para a cidadania. Portanto, apresentamos uma proposta de trabalho de campo com objetivo de construir o raciocínio geográfico a partir da observação e apreensão de elementos da morfologia urbana para que os estudantes compreendam a organização espacial do espaço urbano em que vivem.

A proposta elaborada neste trabalho pode ser realizada com alunos do 8º ano, do ensino fundamental. Para tal, realizamos o campo na cidade de Erechim, verificamos com o pré-campo é importante e complexo. Delimitar o roteiro é uma atividade trabalhosa e que exige foco do professor, pois o educador deve ter clareza das temáticas que vão ser debatidas na realização. Além disso, antes de efetuar a atividade de trabalho de campo, o professor deve trabalhar os conteúdos em sala de aula, para quando o mesmo ser realizado, o aluno consiga opinar, deixar seu posicionamento sobre o que foi aprendido.

Por fim, o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso se demonstrou de grande importância dentro da formação acadêmica, possibilitando o desafio em buscar se apropriar e aprimorar o conhecimento geográfico na disciplina de Geografia para Educação Básica.

Desejamos que a sistematização deste trabalho possibilite outras discussões e abordagens que valorize a prática de campo na Geografia, como maneira de construção de conhecimento da realidade vivida.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, A. E; SILVA, L. F. H. S; COSTA, D. G. Formação de professores e educação geográfica: trabalho de campo autônomo com vistas à identificação de riscos geomorfológicos. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 10, n. 22, p. 26-35, set./dez., 2019. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/816>>.
- ALVES, D. B; PÉREZ-CABELO, F; CAMBRAIA, B. C; BONADEU, F; SILVEIRA, A. L. P. Análise multitemporal de áreas afetadas pelo fogo no enclave de cerrado do parque nacional dos campos amazônicos utilizando sensoriamento remoto e trabalho de campo. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Vol. 22, e18, p. 01-24, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/33584/pdf>>.
- AZAMBUJA, L.D. Trabalho de campo e ensino de Geografia. **Geosul**, Florianópolis, v. 27, n. 54, p 181-195, jul./dez. 2012.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf>.
- CALLAI, H. C. **A geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino?** Ed. Terra Livre. São Paulo. N. 16. P. 133 – 152. 2001.
- CALLAI, H. C; MORAES, M. M. Educação Geográfica: Cidadania e Cidade. **ACTA Geográfica**. Boa Vista, 2017. p. 82 – 100.
- CASTROGIOVANI, A. C. Subir aos sótãos para descobrir a Geografia. In: WYPYCZYNSKI, R. E. M; TONINI, I. M; GOULART, L. B. (Org.). **Ensino de geografia no contemporâneo: experiências e desafios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014. p. 85 – 101.
- CAVALCANTI, A. P. B. Abordagem metodológica do trabalho de campo como prática pedagógica em Geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n. 2, p. 165 – 176, maio/ago. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/7371/4410>>.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade. Ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- COCATO, G. P; VITTO, D. O trabalho de campo enquanto experiência de ensino dos conteúdos de geografia urbana em um contexto escolar de precarização. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 9, n. 18, p. 185-210, jul./dez., 2019. Disponível em: <<http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/652>>.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. 2019. Disponível em: <<https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>>.

- COPATTI, Carina. O trabalho de campo na formação do pensamento e do raciocínio geográfico do professor. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 23, e. 15, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/39981/html>>.
- COPATTI, C; PAIM, R. O; PEREIRA, A. O. A dimensão pedagógica do trabalho de campo: formando professores de Geografia para formação básica. In: DAMBRÓS, G; SANTOS, L. P; MENEZES, V. S. **Geografia Escolar reflexões, práticas e formação de professores**. Curitiba: CRV, 2019. p. 121 – 134.
- COSTELLA, R. Z. Práticas de Ensino nas Universidades: um espaço de ensaio para a vida profissional. In:_____ **O ensino de Geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Mediação, 2014. Cap. 13, p. 185 – 198.
- FARIAS, Ricardo Chaves de. O trabalho de campo na perspectiva de ensino de geografia: uma revisão crítica a partir do cenário internacional. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 9, n. 17, p. 181-198, jan./jun., 2019. Disponível em: <<http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/586>>.
- GIROTTI, E. D. Ensino de Geografia e Raciocínio Geográfico: as contribuições de Pistrak para a superação da dicotomia curricular. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**. Campinas, v. 5, n. 9, p. 71-86, jan./jun., 2015.
- GOULART, L. B. Aprendizagem e Ensino: uma aproximação necessária à aula de Geografia. In:_____ **O ensino de Geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Mediação, 2014. Cap. 2, p. 21 – 30.
- HARVEY, D. O espaço como palavra-chave. *Geographia*. 2006, p. 8-39. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13641/8841>>.
- HENRIQUE, Wendel. A natureza nos Interstícios do social – Uma leitura das ideias de natureza nas obras de Milton Santos. In:_____. **Ideias e Conceitos de Natureza na Geografia**. São Paulo: UNESP, 2003. p. 249 – 262.
- KATUTA, A. M.; SOUZA, J. G. **Geografia e conhecimentos cartográficos. A cartografia no movimento de renovação da geografia brasileira e a importância do uso de mapas**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- MATOS, F. O; GONÇALVES, T. E. Reflexões geográficas a partir do trabalho de campo: experiências na avenida beira mar – Fortaleza/CE. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 66-77, jan. / jul. 2011. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/83>>.
- MORAES, Antonio Carlos Robert de. **Geografia: Pequena história Crítica**. São Paulo: Annablume, 2007.
- MORAIS, E. M. B; CAVALCANTI, L. D. A cidade, os sujeitos e suas práticas espaciais cotidianas. In:_____ **A Cidade e seus Sujeitos**. Goiânia, 2011. p. 13 – 49.
- PINTO, Kisney. Alinhando representações sociais no tecido do (SUB) espaço geográfico escola. In: CASTROGIOVANNI, A. C; TONINI, I. M; KAERCHER, N. A.

(Org.). **Movimentos no ensinar geografia**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar – Cultura, 2013. p. 171 – 192.

SACRAMENTO, A. C. R; BARROSO, T. N. S. A importância do estudo da geomorfologia costeira nas aulas de geografia por meio do trabalho de campo. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 10, n. 22, p. 14-25, set./dez., 2019. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/811>>.

SANTOS, L. S; MENEZES, V.S. (Org.). **Geografia Escolar. Reflexões práticas e formação de professores**. Curitiba: CRV, 2019.

SERPA, Â. O trabalho de campo em Geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n 84, p. 7 – 24, 2006. Disponível em: <<http://agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/725>>. Acesso em: 08 nov. 2020.

SOBRINHO, Hugo de Carvalho. **A cidade e o ensino de geografia: significação a partir das práticas espaciais cotidianas**. Disponível em: <http://nepeg.com/newnepeg/wp-content/uploads/2017/02/GT3_04_A-cidade-e-o-ensino-de-Geografia_-significa%C3%A7%C3%A3o-a-partir-das-pr%C3%A1ticas-espaciais-cotidianas.pdf> Acesso em 20 mar. 2020.

TOMITA, Luiza M. Saito. Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia. **Geografia**, Londrina, v.8, n.1, p.13-15. jan/jun, 1999.

ZANARDO, Fernando. Práticas pedagógicas libertárias e a proposta de trabalho de campo na geografia de Élisée Reclus. **Revista Brasileira de Educação Geográfica**, Campinas, v. 3, n. 5, p. 39-56, jan./jun., 2013. Disponível em: <<http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/107>>.